

UNIVERSIDADE DE ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CARNAVAL *VERSUS* FESTA DOS GIDEÕES: UMA ENCARNAÇÃO DA
BATALHA ESPIRITUAL EM UMA COMUNIDADE EVANGÉLICA DA
ILHA GRANDE

Natânia Pinheiro de Oliveira Lopes
Março 2009

Índice

Agradecimentos.....	pg. 4
Introdução.....	pg. 6
Metodologia.....	pg. 7

• **Capítulo I**

Primeiras Impressões do Campo —Provetá de Deus; uma comunidade que não é deste mundo.....	pg. 10
---	--------

• **Capítulo II**

O Espírito Santo nos Homens e Entre os Homens e o Pentecostes de Todo Dia.....	pg. 16
A. Condições e implicações das manifestações do Espírito Santo: os dons, o fruto e o chamado de Deus.....	pg. 17
B. Do poder do Espírito Santo manifestado.....	pg. 24
C. Profecias Dadas e Recebidas.....	pg. 28
D. Lúcia e Marilene.....	pg. 32
E. Conclusão.....	pg. 36

• **Capítulo III**

Uma Outra Visão do Campo (de Batalha).....	pg. 39
--	--------

• **Capítulo IV**

Êxtases Festivos ou; o vinho da contenda e a embriaguez do Espírito Santo.....	pg. 43
--	--------

• **Capítulo V**

O Diabo e Seus Prazeres.....	pg. 54
------------------------------	--------

- **Capítulo VI**

Desviar é humano.....pg. 65

- **Capítulo VII**

Conclusão.....pg. 72

Bibliografia.....pg. 76

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças ao estímulo, apoio e sugestões de Patrícia Birman durante o processo de orientação na pesquisa da qual esta monografia é fruto. Agradeço pelo acolhimento diante de minhas inquietações quanto às medidas de meu envolvimento com o campo. Patrícia sempre incentivou minhas próprias ponderações, em vez de definir uma metodologia hermética que impusesse limites intransigentes à minha vivência etnográfica. Agradeço a ela também pelo convite à complexificação da elaboração teórica, através de uma imprescindível alimentação da teoria pela experiência do campo.

Agradeço a todo o grupo de pesquisa: André Bakker, Eduardo Pereira, Vicente Cretton, Angélica Ferrarez, Helena Guillaín, Mariana Mendonça; as vivências e reflexões compartilhadas em nossas reuniões e conversas foram essenciais para o alargamento de minha compreensão do campo. Agradeço especialmente à Mariana, cuja trajetória no grupo coincide com muito com a minha, desde o ingresso na pesquisa até a produção de nossas monografias. Agradeço por sua amizade, sua companhia, suas observações e opiniões.

Aos provetaenses sou grata pelas gentilezas, paciência e hospitalidade. Agradeço à Dona Deca e Seu Zé Pimenta, à Solange e à Natália pelo carinho que me deram em sua casa. À Dona Magna, Manuelzinho, Irmã Marilene, Hilton, Tamira, Lúcia, Rosa e Nete agradeço pelas horas a fio que despenderam comigo em explicações detalhadas da doutrina evangélica e narrações de suas experiências religiosas pessoais. À Sandrinha agradeço pela sua cumplicidade e atenção. Agradeço à jovem Patrícia pela sua incansável e gratuita assistência, me ajudando a organizar fotografias, marcar entrevistas, conseguir informações de que eu precisava. Agradeço especialmente à Magnum e Teleco: vocês foram o suporte de toda a minha vivência do campo, foram as vigas mestras de meu envolvimento, foram meus informantes mais próximos por conta de uma afinidade pessoal sincera. Agradeço à Ruth, Angélica, Dona Vicentina, Seu Sisi, Tetéti, Cabeludo, Tiano, Barão, Pretinha, Manuela, Marcela, Maitê, Mayara, Gorete, Dona Dina, Tiane, Michola, Maeli, Negão, Cebola, Fael, Buiú, Sica, Sandrinho, Elvinho, Albany e Dona Nalva cuja inegável colaboração com informações, serviços e amizade me fora muito úteis e tornaram minha estadia na Ilha facilitada e mais prazerosa.

Devo esta monografia ainda a todos os professores da UERJ envolvidos em minha formação. A abordagem antropológica pessoal, íntima, simples, desenvolta e envolvida de

Rosane Prado tacitamente me conduziu a uma opção pela metodologia qualitativa. Obrigada, Rosane. Esta semente germinou com o incentivo que me deu para o desenvolvimento do tema de meu primeiro trabalho de graduação. Também devo agradecer à Patrícia Monte-Mór, pela proximidade, pela sensibilidade e pelo entendimento partilhado comigo da utilidade da imagem para o registro e entendimento etnográfico. O Ateliê de Cinema e Antropologia, coordenado por ela e Marc Piauult desenvolveram sobremaneira minha compreensão do(s) lugar(es) do antropólogo em campo. À Amir Geiger e Ronaldo Castro, que me introduziram no universo do pensamento como arte. À Clara Mafra, Sandra Carneiro, Nancy Vieira, Bianca Medeiros, Carlos Eduardo Rebelo, José Augusto, Dario Silva e Felícia Picanço, que conduziram meus passos pelas sinuosas searas das ciências sociais. Sou imensamente grata a todos vocês.

Agradeço ainda ao colega de curso Victor Amaral por ouvir pacientemente todas as minhas histórias de Provetá, por suas valiosas opiniões e sugestões de análise e de leituras.

Agradeço aos meus pais; Aleluia e Geraldo Lopes, que sempre mergulhados nas minhas empreitadas foram a campo comigo para tentar experimentar meu encanto por todo o belíssimo processo de infiltração num universo outro: a viagem, a chegada, a hospedagem, o trato com as pessoas, o estabelecimento de relações, a participação em suas atividades. Não tenho palavras para agradecê-los.

Introdução

Este trabalho interpreta uma experiência de campo como uma encarnação da teologia da batalha espiritual, dentro de um quadro de encarnações da Bíblia na comunidade de Provetá. A experiência etnográfica que fornece o eixo para a elaboração teórica fora o período do carnaval, quando se instaurou uma tensão entre duas festas que, por acontecerem nos mesmos dias, disputavam a presença das pessoas. Cada uma das pessoas na Terra é palco e motivo de uma guerra cósmica do bem contra o mal.

Delinear Deus como um personagem que age no território e nas pessoas compõe a caracterização da identidade local. A capacidade que os provetaenses têm de comunicar-se com Ele e de manifestá-Lo fornece limites e condições para a integração à comunidade. O Diabo, por seu turno, vem complexificar o campo de sentidos dos pentecostais. E assim, festa dos Gideões e carnaval oferecerão, com seus rituais e êxtases próprios, vias de acesso a estas potências inspiradoras dos eventos mundanos.

Entre uma festa dos crentes e outra dos não crentes e desviados, sondarei aqui formas de pertencimento à igreja e à comunidade, procurando dar voz às pessoas e indexar seus discursos às suas histórias, a fim de manter alguma fidelidade às categorias locais (o que é fundamental para retratar o campo) sem perder de vista a compreensão de que as verdades são e devem estar sempre localizadas, para que tenham serventia à análise antropológica.

Procuro fazer um recorte espaço-temporal da experiência das festas; apontando temporalidades concorrentes e uma geográfica simbólica da comunidade determinada.

Metodologia

Este trabalho foi feito a partir da observação participante que realizei ao longo de um ano nas atividades religiosas e outras atividades do cotidiano de Provetá, uma pequena enseada pesqueira na Ilha Grande, Angra dos Reis, Rio de Janeiro. O eixo de sua elaboração fora fornecido pelo último trabalho de campo que fiz, em que passei um mês na vila; de janeiro a fevereiro de 2008. Nestes dias tive a oportunidade de observar duas festas que aconteciam paralelamente e de participar de uma delas, avaliando depois a repercussão da outra.

Eu tinha ido a campo, desta vez, com o objetivo de buscar “versões da Bíblia”. A intenção era desenvolver o objeto abordado por mim na Semana de Iniciação Científica de 2007 em que, de maneira ainda muito confusa, tentava sondar as atualizações que os crentes fazem das histórias bíblicas. Neste sentido, a orientação que recebi foi de conversar com as pessoas sobre as mesmas passagens e compara-las depois, observando as diferenças e coincidências nas referências que traziam para as explicações das narrativas que eu escolheria para as entrevistas. Eu localizaria então estes discursos em função das biografias específicas das pessoas com quem fui cultivando relações em campo.

Assim, fiz entrevistas semi-padronizadas com algumas pessoas sobre as passagens bíblicas que narram a construção da torre de Babel (Gênesis, 11) e a manifestação do Espírito Santo no dia de Pentecoste (Atos dos Apóstolos, 2). O interesse nesta dupla de histórias era perceber a agência de Deus na relação entre os homens posto que num caso Deus atua confundindo as línguas, multiplicando os idiomas para que os homens se desentendessem, noutro caso, homens de diversas nacionalidades, através da manifestação do Espírito Santo, passam a entender línguas estranhas.

No nível teológico ou filosófico a discussão pode ser interessante, mas para efeito da análise antropológica tem pouco valor; mais frutífera que a discussão destas passagens deveria ser a de outras mais ouvidas em pregações e citadas por todos, mas não fiz pesquisa prévia para saber quais eram estas e foi só durante o processo de entrevistas, enquanto as passagens escolhidas por mim já vinham sendo debatidas é que as histórias mais populares foram aparecendo e se repetindo nas citações dos entrevistados.

Mas como no campo nada se perde, o fato de estas passagens serem pouco conhecidas entre os provetaenses acabou fornecendo uma via de acesso despreziosa e

espontânea ao que as pessoas realmente queriam falar sobre a Bíblia e com base nela; o que será explorado aqui.

Sobre a tônica de minhas observações, devo dizer que sempre tentei o tal “mergulho na lógica do outro” que eu trazia de minhas primeiras leituras da graduação; dos textos de Malinowski, o envolvimento sincero que Patrícia sugeria. Acho que embarcei um pouco os limites das coisas e julguei que a boa vivência de campo seria “ter fé como os crentes tinham fé”. Queria *participar* do sentimento nativo e só mais tarde entendi que a observação impõe certos limites à participação, pois que enquanto a identificação foi grande demais não podia produzir o conhecimento antropológico dotado daquela neutralidade que não há, mas que é bem visto buscar (coisas da ciência)... Vi que é verdade que a antropologia não se faz no campo, ela se faz na distância do campo, porque o relato do aprendizado que a experiência do campo fornece, bem como o processo de reflexão em que tal relato implica, produz algum distanciamento. Como Birman resumiu a presente discussão durante nosso debate para a produção deste trabalho “Escrever é um ato de aproximação analítica e por isso, distanciada de um momento de experiência de vida.”

Não acredito que haja limites para o envolvimento, que a separação entre sujeito e objeto de conhecimento deva fundamentar as reflexões. Mais uma vez cito a orientação de Patrícia, quando diz que “o envolvimento pode ser e geralmente é muitíssimo importante —se não há troca e interesse na troca não há relação e sem relação... falar do quê?” Mas há que se reconhecer ainda que existem dois momentos intelectuais e afetivos porque estão em questão dois universos de significação, como lembra Da Matta: o do estranho e o do familiar. Ainda que o antropólogo empreenda um grande esforço de experiência da perspectiva nativa, sempre se lida com o salto de uma província para outra e foi deste salto, bem dizendo, que surgiram para mim as percepções mais consistentes do campo. Foi preciso, depois de misturar tudo, delinear um “eu” e um “outro”, ainda que estes referenciais continuassem a se camuflar bastante.

Aprendi com Rosane Prado nas aulas de trabalho de campo que não existe uma “distância ideal” entre pesquisador e objeto de conhecimento. Assim sendo creio que resta apenas a sinceridade metodológica como fuga da arbitrariedade. Penso que há que se cultivar as relações em campo com sinceridade, o que procurei fazer e penso que a sinceridade deva nortear a produção do texto, como me proponho a fazer agora. Por isso,

aqui, é fundamental a localização da autora no contexto da etnografia; valorizarei ao máximo os discursos locais a fim de dar voz aos provetaenses, de forma a amenizar a disputa de saber que se instaura, entre “antropólogo” e “nativo”. E também valorizarei minhas experiências afinal, se o “outro” permanece inacessível, tão inacessível quanto a neutralidade científica, é inegável que o “eu” entre os “outros” é uma fonte muito cara de observação, posto que é o mais perto que podemos chegar deles.

I

Primeiras impressões do campo

—Provetá de Deus; uma comunidade que não é deste mundo—

Numa das minhas idas a campo ouvi num culto uma pregação cujo tema era a importância de um intenso contato do crente com o Espírito Santo. Hilton, o jovem orador, é provetaense, mas mora hoje em dia no continente. Momentos antes de ele subir no púlpito eu lhe havia explicado que um de meus interesses de pesquisa era compreender o fenômeno da manifestação do Espírito Santo e fiquei então com a sensação de que sua pregação pretendia uma demonstração das explicações que me dera. Ele tomou o microfone e disse estar tendo uma visão: “estou tendo uma visão do Provetá: todos estarão cheios do Espírito Santo!” Minutos depois de entoar em altos brados e como um mantra a expressão “cheios do Espírito Santo” toda a igreja estava “no poder”, inclusive ele próprio —que as línguas estranhas, alternadas com as frases da pregação, indicavam que era Deus quem falava por ele; Hilton estava sendo “usado por Deus” para a edificação de Sua obra, contagiando os fiéis com a presença divina.

Impressionou-me que sua anunciação houvesse se cumprido de forma tão eficaz e fiquei imaginando se só teria se cumprido para os presentes na igreja. Hilton dissera que todos no Provetá estariam cheios do Espírito; será que no restante da comunidade, fora da igreja, as pessoas também estariam “cheias”? Creio que sim. Lúcia, uma de minhas informantes mais próximas, ensinara que “quando Deus fala, se cumpre”. Então o Espírito Santo não ficaria restrito às paredes do templo, a pombinha branca seria libertada por dois alto-falantes localizados no topo da igreja e certamente encontraria terreno fértil em muitos outros corações, já que a quase totalidade dos dois mil habitantes da vila é crente.

Quem estava lá fora poderia não estar falando línguas estranhas ou rodopiando sobre o eixo do corpo como faziam dentro da igreja, mas dificilmente estaria indiferente àquela pregação calorosa. Ali as pessoas são sensíveis ao toque divino, que o povo de “Provetá é como o povo de Israel”. “É um lugar escolhido”.

Em Provetá o pertencimento local é atravessado pelo pertencimento religioso que é, ao mesmo tempo, a marca de uma alteridade cultivada: uma comunidade evangélica. Provetá não está “no mundo”, está suspenso, isolado no mar, voltado para Deus. Ali não há

violência, tráfico, prostituição. Existe uma cultura evangélica firmemente imbricada na política, nas relações de parentesco, nas identidades pessoal e coletiva.

São os membros hierarquicamente superiores da Assembléia de Deus que controlam a gestão da vila, administram os recursos da prefeitura, ocupam e fornecem empregos, gerenciam os serviços do Estado; da igreja não emana só a luz espiritual, ela controla também o gerador elétrico.

Ali a religião é aprendida com os pais; todos são “nascidos no Evangelho”, todos são “irmãos” na fé, e primos de algum grau no sangue, pois descendem basicamente de dois troncos genealógicos. O pertencimento à comunidade passa pela capacidade de se localizar dentro destas ramificações que ligam o indivíduo de alguma maneira àqueles que há quatro gerações atrás levaram a Palavra de Deus ao Provetá (Birman, 2008). Se no mito de origem da comunidade constituído a partir da chegada de Deoclécio¹ a bênção da nuvem que seguia o barco para proteger os missionários da força do sol é um dos pontos altos da história, pode-se supor que o contato com Deus através do milagre será pilar fundamental da coletividade então nascida. A identidade local é atravessada pelos milagres do Espírito Santo, vide as histórias de transformação da natureza após a chegada do Evangelho na vila, os muitos relatos de cura, de livramentos de morte, de conversões espetaculares.

Mais que ser evangélico, temente e constantemente vigiado por Deus, “ser provetaense” é “ser em Deus”, “ser no Espírito Santo”. Ali onde quase todas as pessoas têm o dom de falar em línguas estranhas e desde crianças participam deste transe ritual, Deus é um elemento constitutivo das pessoas, pois todos, uns mais outros menos, são “cheios do Espírito Santo”.

A vila de Provetá fica encravada entre três encostas e o mar. Possui uma única rua principal que é paralela à praia. Esta é a rua que liga o cais à praça onde se localiza à igreja, há nela um pequeno comércio e um ralo e constante fluxo de pessoas que caminham em passos lentos. Todos se conhecem desde pequenos e embora haja certas rinchas, algumas

¹ A chegada de Deoclécio já fora repetidas vezes narrada por relatórios e trabalhos do grupo de pesquisa (Birman, Bakker e Cretton). Contam os provetaenses que Deoclécio, um “filho do lugar” que se estabeleceu em Angra dos Reis, voltara à vila convertido, com sua esposa e filho recém-nascido, para levar o Evangelho para um parente moribundo, que ao aceitar Jesus ficara curado. No dia em que Deoclécio retornara para a vila com sua família, o sol estava muito forte, e conta-se que uma nuvem acompanhara o barco durante todo o percurso da viagem, como bênção divina para proteger a criança.

poucas brigas e sempre muitas fofocas, não há rompimento definitivo de relações entre aqueles que são considerados “de dentro”.

Provetá é um lugar pacato, um lugar “seguro”. Ao desembarcar em seu cais sinto um alívio instantâneo da sensação de medo, de perigo eminente, que nos assombra na capital do Rio. É como se aquele lugar não me oferecesse riscos. Que o Espírito Santo está lá, consolando os homens de suas dores. E me sinto como na Pasárgada da poesia de Bandeira. Embora lá não haja prostitutas pra namorar, nem telefone automático e ainda que eu não seja amiga do rei, é bom estar em Provetá. Todos são parentes, todos se chamam pelo nome, a política é familiar, a religião é fonte de identificação e, conforme Birman observou, oferece a certeza da realização da utopia da comunidade: depois juízo final, que é futuro sabido e próximo, Provetá estará inteiro no céu; “no dia que Jesus voltar, Provetá vai subir”.

Então eu estou numa futura comunidade celestial, sem medo e sem riscos. Cada um dos “filhos do lugar” estará no céu: os pastores com suas Bíblias, as “heroínas da fé”, com seus longos cabelos em coque, as crianças com seu jogo de taco, a velha parteira sentada debaixo da amendoeira, olhando o mar e até os bêbedos, os drogados, os desviados da igreja, que até lá devem ter se reintegrado à vida de santidade. Porque “quando Deus fala, se cumpre”. Tudo ali vai estar no céu. “Provetá vai subir”.

Mas Provetá também tem da Itabira Drummondiana. Seu clima doméstico, amistoso, também é grave e severo, como o Deus pai do Antigo Testamento, que não tolera desobediências e cuja justiça é implacável. Sinto sempre uma tensão enraizada na paz reinante na vila, acho que muito por conta daquela estranha sensação de vigilância panóptica que nos invade, aos forasteiros, quando adentramos o espaço tão bem delimitado de uma comunidade.

Em Provetá os quintais das casas se confundem uns com os outros, já que não há muitos muros ou cercados. Por detrás dos que existem, vemos aparecer, ao passarmos pelas vielas, meios rostos, curiosos pelo ruído dos nossos passos. A rede de fofocas e boatos, sustentada tipicamente (mas não apenas) pelas mulheres e senhoras, funciona como um grande olho e a igreja, com seus alto-falantes e seu poder de veredicto dos julgamentos morais, como uma grande boca. Deus é onividente e onisciente em Provetá. Isso deve

contribuir para o sentimento de desconforto de quem vem de fora, habituado ao anonimato e agitação das grandes cidades.

Minha mãe falou sobre o que achou do Provetá, quando a levei, com o meu pai, para conhecer meu lugar de pesquisa:

“Achei lá um lugar muito estranho; é triste, pesado... quero voltar lá e semear umas flores naqueles cantos cheios de mato, naquela praça... é tão maltratado... é triste... tem uma energia muito pesada mesmo; eu fiquei impressionada quando aquela mulher [Irmã Marilene] me disse que ali era um leprosário. (...) Não gostei de lá, não. Eu me senti isolada do mundo! Como é que pode você ficar mais de meia hora esperando sair o pão na padaria? Isso de ninguém saber os horários de saída dos barcos... me deu um nervoso! Você pergunta às pessoas: a que horas sai o barco amanhã? E todas respondem a mesma coisa: tem que ir cedo pro cais e esperar.”

Minha mãe observara ainda um outro ingrediente que, a meu ver compõe mesmo o cenário local: o cotidiano de Provetá transcorre num outro ritmo. Para continuarmos o jogo da caracterização do “lirismo local” transitando pelas searas das artes literárias; Provetá é uma espécie de Montanha Mágica. Eles têm lá uma relação com o tempo diferente da que vivemos aqui.

Ouvimos dizer que a aceleração dos tempos modernos está associada a um encurtamento das distâncias promovido pela evolução dos meios de transporte e comunicação. É a era do “desencaixe”, no dizer de Giddens: “o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço”. Em Provetá os celulares não funcionam bem, são raros também orelhões e telefones residenciais, a internet da única lan house é precária e até mesmo a entrega de correspondências fica por conta da generosidade da família de um dos Pastores que pega, todas as semanas numa agência dos Correios de Angra, as cartas e contas destinadas aos provetaense, separam-nas e distribuem. E não há ônibus na vila, carros, motos, bicicletas, cavalos ou carroças. As pessoas vão a pé. Então interações e contextos permanecem perfeitamente bem “encaixados”. Ainda que haja um profundo hábito de transformar os fatos em narrativas, através da “contação de histórias” e da circulação de boatos, o que dá aos acontecimentos uma dimensão ligeiramente

virtual, a interação “face a face” ainda constitui a base sólida das relações. Então parece haver uma semelhança entre as vidas e entre as perspectivas, uma constância das coisas, um outro ritmo de tempo, caracterizado por um sutil costume de “esperar”. As mulheres passam a maior parte dos dias do ano esperando seus maridos voltarem da pesca; esperamos no cais nossos amigos e parentes vindos de outras praias ou do continente; esperamos que saiam barcos pesqueiros que nos dêem carona até Angra, onde serão abastecidos para o tempo no mar, esperamos em fila no mercado pelo fornecimento de produtos vindos de fora, quando há demanda repentina, como velas em dias em que falta luz.

O estranhamento trás consigo a inevitável questão da perspectiva. Minha mãe se afligia em estar isolada do mundo, para os provetaenses isso é motivo de orgulho. A ética evangélica de ruptura com “as coisas do mundo” afina-se com esta condição de isolamento. Pululam em meu caderno de campo anotações de frases como “Provetá foi um lugar que Deus escolheu para sua obra” ou “o Espírito Santo fez de Provetá sua morada” ou ainda “nós aqui, por causa da nossa criação, do nosso modo de vida, temos o Espírito Santo sempre com a gente. Já vem do nosso ensinamento, da nossa família”.

Se “dentro” predominam as relações presenciais e os ensinamentos da família, isso realça ainda mais o contraste de Provetá com “o mundo”, que é “virtualizado”: como Brakker aponta, a televisão é o grande instrumento de mediação com este “outro universo” chamado “mundão”².

Demora duas horas a travessia que nos leva “do mundo” para a vila. A liminaridade que o período no mar impõe, pode ser mansa ou turbulenta, quando o sudoeste deixa o mar “grosso”. E foi num desses dias que eu conheci Provetá, acompanhada de Birman, Piault e Mariana. Por causa das altas ondas, a traineira que dos dera carona não pode atracar no cais, e fomos obrigados a descer com nossas bagagens para botes, ainda no mar. A diferença de altura entre o bote a

² André Bakker desenvolve em sua monografia a idéia de que a interpretação religiosa do mundo passa pelo "Jornal Nacional".

Na discussão do presente trabalho, Patrícia Birman sugere que esta presença da TV deve ser uma fonte fundamental do “isolamento simbólico” de Provetá, pelo antagonismo que a leitura pentecostal das suas imagens provoca.

traineira, somada a agitação das ondas, tornava apreensiva a transferência de um barco para o outro, ainda mais com a preocupação trazida por alguns equipamentos delicados que levávamos, como câmeras fotográficas, filmadora e computador. Em plena chuva, quando, aos tropeços, pusemos o pé no cais ajudados pelos pescadores, Mariana falou-me num suspiro aliviado: “Caraca! Imagina o Malinowski nas Ilhas Trobriand!”

II

O Espírito Santo nos Homens e Entre os Homens e o Pentecostes de Todo Dia

No Antigo Testamento Joel profetizara:

“E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito.”

Esta profecia se cumpre no Novo Testamento com a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, descrita por Lucas no segundo capítulo de Atos dos Apóstolos.

“E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam surpresos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto. Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes: Homens judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: e nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão (...)”

Como Hilton explicou, “o Espírito Santo, antes do dia de Pentecoste, se apresentava individualmente aos profetas, inspirava as revelações e voltava para o céu. Mas em

Pentecoste Ele veio para ficar e passou a se apresentar coletivamente”. Então o milagre da manifestação coletiva do Espírito Santo, já prometido por Deus pela boca de Joel, não acontece só no episódio descrito em Atos; a confirmação da promessa se prolongará, como atestado contínuo do contínuo poder divino ao longo da história, inaugurando uma nova forma de Deus travar contato com os homens. Por isso o Espírito Santo voltará a se manifestar em momentos posteriores narrados na Bíblia e se manifesta ainda hoje pela glossolalia e por tantas formas de revelação, por profecias, sonhos, visões.

A. Condições e implicações das manifestações do Espírito Santo: os dons, o fruto e o chamado de Deus

Durante um ano de trabalho de campo na vila, presenciei duas manifestações grandiosas do Espírito Santo, manifestações coletivas tais como a descrita em Atos. Em nenhuma destas ocasiões eu estava dentro da igreja, mas o estrondo da glossolalia enchia toda a vila. Uma delas foi na festa dos Gideões, que narrarei em outro capítulo, a outra, quando a comunidade recebia Irmã Marilene, em retorno de uma viagem missionária à Itália.

Eu namorava um rapaz provetaense e estávamos juntos na hora do culto, deitados na areia da praia, preguiçosos de nos aprontarmos para ir à igreja.

Eu ainda não conhecia pessoalmente a tão famosa Irmã Marilene, profetiza local, sempre mencionada pelo grupo de pesquisa e pelo povo de Provetá. Bastava eu dizer a qualquer um que queria aprender sobre a manifestação do Espírito Santo e me diziam para procurar a Irmã. Especialmente neste dia e nos que o precederam Marilene era assunto presente em todas as conversas e havia grande expectativa em torno da chegada daquela mulher “cheia do Espírito Santo”, que deveria trazer notícias sobre sua evangelização internacional. Eu estava realmente encantada com o tema, muito curiosa sobre ele e sabia que o culto daquela noite seria um evento.

Mas meu encanto pelo moço era maior ainda, por isso não tive ânimo para me levantar. Justificava para mim mesma que aquele momento também renderia compreensões do campo e da fé evangélica. Eu lhe pedia para me contar histórias bíblicas para eu compor, mais tarde, meu relatório do dia e ele me falou com entusiasmo e riqueza de detalhes sobre o milagre da gravidez de Sara, que com mais de cem anos concebera um filho de Abraão. Ao narrar cada demonstração da grandeza de Deus, ele lamentava sua condição de desviado

da igreja. Ao fundo, ouvíamos o murmúrio das pregações, abafado pela arrebentação das ondas.

De repente houve um aumentar das vozes que vinham da igreja. Foi perceptível porque não foi um aumento gradual, soou como um grito, que se prolongou por quase uma hora, como se alguém tivesse aumentado de supetão o volume dos alto-falantes. O rapaz e o mar se calaram; nossa atenção se voltou para aquele som, que achei graça por me remeter ao som dos perus da Fazenda, região que beira a encosta do último morro da vila. O rapaz finalmente anunciou, pausadamente e com grande reverência: “É o Espírito Santo de Deus, mané!”

No dia seguinte conversei com as pessoas sobre o culto. As meninas da pesquisa estavam empolgadíssimas, pois Marilene lhes convidara para tomar café da manhã em sua casa, no dia seguinte, para conversarem sobre a viagem. Voltariam depois deste café contando que a Irmã lhes recebeu muito bem; com muito bom humor e um verdadeiro banquete: com bolos, sucos, pudins... que lhes mostrara os presentes que ganhou dos fiéis italianos e falara sobre a viagem.

A prima mais velha de meu namorado contou que o culto tinha sido ótimo:

“A coisa que achei mais interessante de tudo que a Irmã falou foi que ela foi e voltou da Itália com um lugar vazio do lado dela, no avião. Aí ela ficou curiosa e conversou com Deus, perguntando o porquê. Deus respondeu que era Ele quem estava do lado dela. É assim, prima, Deus tá sempre do lado dela, é muito íntimo dela (...) Sabia que quando ela falou em línguas ontem ela falou em italiano? Ela já aprendeu italiano rápido, nesse tempinho só que ela ficou lá, porque ela já tem esse dom de Deus; esse dom de línguas.”

Histórias deste tipo, somadas ao carisma da Irmã, ao prestígio de que ela goza na vila, podiam emocionar os provetaenses a ponto de viabilizar seu contato pessoal com Deus. O que proporcionava aquela manifestação coletiva do Espírito Santo parecia ser o reconhecimento de uma identificação com o discurso do testemunho. Irmã Marilene em ação missionária na Itália representava o sucesso da ação missionária da igreja de Provetá ao mesmo tempo em que demonstrava com “detalhes milagrosos” as bênçãos de Deus em sua vida, por ser uma mulher crente que levava uma “vida santa”, ou seja, fiel à doutrina. E isso deixava as pessoas felizes, emocionadas, cheias de fé; caminho para a manifestação do Espírito Santo.

Além de manifestações como esta, que compõem o quadro dos chamados *dons* espirituais, a agência básica do Espírito de Deus também inclui o que se chama de *fruto* do Espírito.

O fruto do Espírito é o conjunto de bênçãos que atesta a presença do Espírito Santo na vida do crente: amor, gozo, paz, longevidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança, também justiça e verdade; os sinais da santificação, além da ação missionária. —e assim se comprova que Marilene, de fato, é uma pessoa “cheia do Espírito”: boa, mansa, feliz, missionária. Os dons, por seu turno, são talentos concedidos por Deus aos homens fiéis ou escolhidos: o tal dom de falar outras línguas (mundanas ou espirituais) e o dom de interpretá-las, o dom de operar maravilhas, o dom de discernir os espíritos, o dom de cura, o dom de ensinar a Palavra. Os dons e fruto do Espírito são mencionados aos poucos ao longo do Novo Testamento.

Deve-se considerar que a distinção entre fruto e dons do Espírito Santo foi mencionada nas entrevistas apenas por crentes que possuíam algum refinamento doutrinário. Para eles, o fruto é alcançado após o batismo nas águas, que torna o fiel um membro da Assembléia, quando “a pessoa sinceramente se arrepende de seus pecados e pede perdão a Deus”, seguido de uma vida reta: obediente aos preceitos morais estabelecidos pela religião e pela doutrina de sua igreja. Os dons são dados por Deus ao crente após a manifestação do Espírito Santo em seu corpo (que pode acontecer antes ou depois do batismo nas águas). Daí a distinção entre ser *batizado no* e ser *batizado pelo* Espírito Santo.

Quando o fiel é batizado nas águas³ para se tornar um membro da igreja, ele é *batizado pelo* Espírito Santo, tal como está descrito em Mateus, na ocasião do batismo de Jesus: “E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.” E diz-se que alguém fora *batizado no* Espírito Santo quando manifesta algum de Seus dons, geralmente a glossolalia, o mais comum em Provetá. E então o fiel, daquele dia em diante, estará apto a manifestar a

³ O batismo nas águas é um dos rituais que compõe a iniciação do crente. Grupos de fiéis, usando túnicas brancas, são batizados após um mergulho no mar da enseada, auxiliados pelos pastores, diante da multidão que se aglomera na areia para ver a passagem do grupo de “componente” à “membro” da igreja. Irmã Marilene explicou-me que, diferente dos católicos, que na pia batismal apenas molham a testa da criança, o batismo evangélico é feito com uma “imersão total” do fiel na água, a fim de representar uma total transformação daqueles que são batizados.

presença de Deus daquela forma, e poderá ainda manifestar outros dons, que alguns dons estão associados. Segundo Lúcia, quem não tem o dom de línguas não tem o dom da profecia, por exemplo.

Mas, como eu dizia, a distinção entre fruto e dons do Espírito Santo nem sempre é clara. O comum dos fiéis e mesmo os discursos menos cuidadosos dos próprios pastores reconhecem um e outros simplesmente como *inspirações* do Espírito Santo. Os dons, em especial, para serem entendidos não como simples inspiração, mas como “presença efetiva” de Deus, devem vir acompanhados de uma performance específica, quando se considera que há a *manifestação do Espírito Santo propriamente dita*, com seus sons, turbulências emocionais e movimentos corporais característicos que são, em geral, bruscos e inusitados, indicativos da ruptura com o mundo que o contato com Deus deve proporcionar. A glossolalia é o único dom que sempre aparece referido como presença de Deus, como Sua manifestação propriamente dita, talvez porque a fala glossolalica tenha em si mesma aquele tom de ruptura com o mundo. Como não-linguagem ela exprime o inexprimível:

Rosa: O Espírito Santo é sobrenatural.

Nete: ...uma coisa que você não consegue explicação. Entendeu? É algo que te alegra mas você não vê! Você sente; só sente. O Espírito Santo é isso. Não dá pra explicar. Não tem explicação. É uma coisa que você não vê, mas você sente.

É principalmente no fenômeno da glossolalia que “o Espírito se revela como pura espontaneidade e o sentido das palavras é remetido diretamente para o campo de poder que instauram.” (Rebelo, Mota e Nunes, 2002).

Como os provetasenses sempre definem, os dons servem ao propósito de “edificar a obra de Deus”, ou seja; servem como ferramenta para a evangelização, para resgatar pessoas da ilusão do pecado, para convertê-las, para potencializar a prática do bem e da caridade, em última análise, servem para afirmar a presença de Deus entre os homens. Os crentes que manifestam os dons espirituais são como tentáculos do poder divino, são prolongamentos humanos do imenso poder de Deus. Mas os dons também conferem poder ao crente porque demonstram que ele está próximo de Deus, conferem prestígio. Confere autoridade, um informante acrescenta: “tem gente que não gosta de igreja porque as pessoas gritam, os pastores ficam gritando... mas é a autoridade que Deus deu pra eles”. Em

especial, quando a fala glossolálica acontece durante uma pregação de um pastor ou membro, ela confere ao seu discurso a autoridade da voz de Deus.

Manifestar o Espírito Santo significa que o crente está puro para receber esta “coisa finíssima” (no dizer de uma informante das autoras supracitadas).

Rosa: Só que o Espírito de Deus é uma coisa muito sensível.

Natânia: Como assim?

Rosa: Muito sensível. Se você entristecer o Espírito Santo...

Nete: É... porque eu acredito assim ó: tipo; eu vou pra igreja hoje, né? —um exemplo. Aí eu chego aqui eu brigo com o Patric, brigo com o Paulinho, brigo com os vizinhos todos... aí eu vou chegar lá na igreja, dobro meu joelho... você acha que vou... que eu vou...

Natânia: ...falar línguas estranhas?

Nete: Não vou. A sua consciência. Sabe? Você não sente. Sabe aquilo assim, que você tá lá... nem que você se acabe todo, que você se desespera, que você se machuque, que você se esperneie... mas você não sente porque? Porque é a sua consciência. No seu subconsciente lá: poxa... você brigou com o seu vizinho, você brigou em casa, você vem pra cá pra igreja, você não consegue. Pra você ver como é uma coisa sobrenatural, porque você não consegue. Eu não vou chegar pra você, botar a mão na tua cabeça e vou falar em línguas estranhas aqui. Entendeu? É por isso. É o sub... é o consciente, lá dentro, que não deixa isso acontecer. Porque é uma coisa sobrenatural, não existe. Não tem... você mesmo, em si, você vai orar, orar, chorar, chorar... até que você fala assim: Deus me perdoa. Vai chagar um ponto em que você sente tanto a falta do Espírito Santo que você fala assim: “Deus me perdoa, me perdoa...” porque você sabe que você fez alguma coisa errada. Tem alguma coisa errada contigo. Porque que o Espírito Santo não... não... você não sente a presença dele? Porque você sente.

As falas de Nete e Rosa mostram que obedecer e/ou agradar a Deus é precondição para a manifestação do Espírito Santo, como se para ter o Espírito Santo em si e consigo fosse preciso cultivá-lo. Ouvi dizer que “o Espírito Santo é a pessoa mais sensível da Trindade” e, como Rosa aponta, se o “entristecermos” com más ações e/ou nos fecharmos a sua presença, Ele se afastará de nós, deixando-nos mais expostos ao risco do Diabo, que “ronda sempre ao nosso derredor”.

Nete explica que Espírito Santo só voltará a se aproximar de nós se nos arrependermos e rogarmos Sua presença. Também Sandra, cunhada de Teleco, numa entrevista diz que “o Espírito Santo é sensível e é cavalheiro. Só vem se a gente pedir, se a gente chamar”. É interessante este ato de convidar o Espírito Santo, de pedir diretamente

Sua manifestação. Como a fala de Nete explicita bem, quando se comete um pecado, não se ora somente suplicando o perdão, num monólogo conformado à interdição do interlocutor, pede-se: “Vem, Espírito Santo!”; “Jesus! Eu quero poder!” Pretende-se, na verdade uma comunicação. Pede-se um sinal, uma resposta às súplicas. Uma nova manifestação significa que o perdão fora concedido, que nos reconciliamos com o Espírito Santo. Sendo assim, o Espírito Santo restaura, através do perdão, o equilíbrio da ordem abalada pelo pecado.

Embora o Espírito Santo seja sensível, é comum também o entendimento de que a glossolalia representa o início do processo de conversão, tal qual um “chamado” de Deus. E neste caso, o Espírito Santo se manifesta mesmo nos impuros. São as mesmas informantes que contam um destes casos.

Nete: Deixa eu falar pra você: o Henrique —você conhece o Henrique— o Henrique, irmão do Paulinho...

Rosa: Primo do Teleco!

Nete: Primo do Teleco, o Henrique, você conhece ele. Então; ele, o Henrique tava numa fase que... meu Deus! Sabe... ele tava muito rebelde, não... a mãe dele, o pai dele... acredito que ela tava orando muito, sabe? A mãe do Paulinho; tava orando muito por ele, né? Ele tava muito rebelde, aí... tava usando drogas adoidado já. Tava muito, muito rebelde. Aí de repente teve um dia foi num... antes do ano novo; acho que foi no dia 30... por aí. Ele usou muita droga e ele foi lá pro campo lá. Deu uma doideira nele muito forte. Uma doideira... os meninos, os colegas dele falam que ele gritava, ele gritava muito lá no campo e tava louco.

Rosa: Alucinado.

Nete: Louco. É essa coisa que eu falei pra você que é de momento, né? Ria, gritava... disse que ele tava acabando com tudo lá campo. Mas essa alegria... era uma alegria passageira, né? Quando chegou no dia 31 ele tava sentindo uma dor muito grande nas pernas, nas pernas. Ficou de cama, o Henrique tava ficando pálido, com dor na perna, dor na perna... ficou acamado, ficou doente, ficou no fundo da cama. Aí a Irmã Marilene teve lá e orou por ele. Aí a Irmã Marilene falou: Deus usou ela. Disse que não fazia mal, não. Que ele ia passar pelo leito, mas ele ia ser batizado com o Espírito Santo no leito, no leito do hospital. Aí o Henrique quando chegou dia 5 levaram o Henrique pro hospital, o Henrique não andava, foi levado na cama pra Angra. O Henrique chorava de dor nas pernas... olha; foi um desespero nesse hospital.

Rosa: Ele tava cabeludo, aí ele quis cortar o cabelo.

Nete: É. Ele dizia que ia morrer, que ia morre, que ia morrerr...

Rosa: Era Deus fazendo aquilo com ele porque ele tava...

Nete: Mas ele era demais, sabe? Ninguém podia falar com ele que ele se explodia. Eu morei lá sete anos. A gente ficava muito pianinho, todo mundo quietinho pra não falar com ele, pra não exaltar ele.

Rosa: Eu fui lá pro médico; ele falou assim: “isso é Deus. Deus tá fazendo isso comigo eu tô... merecendo mesmo pelo que eu tô fazendo”, entendeu?

Nete: Ele desafiava, sabe? “Não existe Diabo, não sei o que...” desafiava assim mesmo, ele desafia mesmo: desafiava Deus e o Diabo. Aí o que aconteceu, minha filha? A gente ficou muito mal. Aí deu uma convulsão nele nesse dia 5 que ele tava no hospital, deu uma convulsão nele que os médicos colocaram ele na mesma hora na UTI. Mandaram chamar o pai do Paulo que tava pescando lá em Itacuruçá. Ficou muito mal; o pai tava abalado. Porque... o rapaz novo. Já pensou, o rapaz morrer? É muito difícil isso acontecer. Isso é raro. E o médico lá disse que era leptospirose, depois o médico falou que não sabia o que que era...

Rosa: Desenganou.

Nete: E foram, todo mundo, pra Angra, a família foi toda pra Angra... chegou lá o Henrique tava da cor da minha parede — sem mentira nenhuma. Eu entrei (todo amarelo!) na UTI eu vi ele, não conheci. O Henrique só chorava. Olhava pra nós... só chorava. O Henrique tava... a pele, os olhos, os lábios... amarelinho, amarelinho, amarelinho. No mesmo dia que puseram no CTI... induzido, fizeram coma induzido nele. Foi induzido o coma. Os médicos falaram que tinham paralisado rins, que o Henrique ia morrer.

Rosa: Paralisou a metade dos órgãos, né?

Nete: Eu entrei com o meu cunhado. O Jabico, pai da Quiqui, que a família não queria entrar. Eu que tava entrando no CTI direto. Aí o médico chegou... o chefe do hospital e falou: “Olha, só um milagre, para o Henrique só um milagre. Ele não vai sair dessa. Já paralisou tudo. Ele vai ter que fazer hemodiálise”. Já pensou um garoto com 24 anos fazer hemodiálise? “Vai ter que fazer hemodiálise e já tá paralisado tudo...” Aí eu falei: “Não, doutor, pelo amor de Deus! Ele vai sair dessa”. “Olha, só um milagre”. Aí nisso, no outro dia, eu fui de novo. Eu fui. Quando eu cheguei lá nós subimos, subimos... olha; o pai dele desesperado, que tava mandando chamar o Paulinho. Aí nisso veio uma moça que conhecia nós, ela nos conhecia. Aí ela falou assim: “Nete!” Nós estávamos subindo, que no hospital tem uma rampa —olha; eu fico arrepiada— tem uma rampa, uma rampinha pra ir pro CTI lá atrás. Aí ela falou: “Nete! Nete! O Henrique tá falando! O Henrique tá falando!” —falou pra mim. Aí o Paulinho: “O que?” Ela: “Ele tá falando!” Aí o pai dele levantou a mão pra cima no corredor do hospital: “meu Deus!”; assim agradecendo. (...) O pai, a mãe... eles tavam desesperados. Fazendo oração o tempo todo.

Natânia: E Ele aceitou Jesus?

Nete: Já tinha aceitado antes de ir.

Aí quando nós chegamos lá —pra você ver— aí o chefe... o rapazinho falou assim pra nós: “Olha; esse Paulo Henrique é muito levado”, ele falou pra nós. “Tá falando umas línguas estranhas aí que eu não conheço...” Foi de madrugada. “Falando umas línguas estranhas, umas coisas aí que eu não conheço... tirou o tubo...” Quando ele levantou, quando ele acordou do coma, arrancou o tubo, que ele poderia ter morrido na mesma hora. Ele tava todo entubado no CTI, tava todo entubado. Arrancou o tubo, arrancou tudo. Arrancou tudo na mesma hora. “Falando umas línguas estranhas...” Aí o pai dele falou

assim: “é línguas estranhas, doutor. Ele foi batizado com o Espírito Santo!” Aí ele: “Ah! Isso daí é problema seu.”

Natânia: rs...

Nete: Falou, foi. O pai dela falou: “Ele foi batizado, Nete! O Henrique foi batizado com o Espírito Santo! Meu Deus! O Henrique foi batizado!” Aí ele: “Olha; ficou a noite toda falando umas línguas aí que eu não conheço.” E a Irmã Marilene falou o que pra ele? Que ele ia ser batizado no..?

Nete e Rosa: Leito.

Nete: Portanto, até hoje ele fala línguas estranhas porque ele foi batizado aonde? Lá no leito.

Henrique estava em pecado, como se costuma dizer. E ainda assim manifestou o Espírito Santo. De qualquer jeito, aquele que fala em línguas é uma peça importante nos planos divinos, Deus o está chamando porque o quer, porque precisa dele e isso deve marcar seu envolvimento com as leis do Evangelho e da Igreja e, mais imediatamente, atesta sua fé, o que o inclui, de uma forma ou de outra, naquela comunidade moral. Pode-se dizer então que também neste caso a manifestação do Espírito Santo confere poder ao fiel.

B. Do poder do Espírito Santo manifestado

Chamo atenção para a idéia que motivou o nome deste capítulo: a de que cada vez que o Espírito Santo se manifesta na igreja através da glossolalia ou daquele conjunto de movimentos corporais que marca a presença divina, novamente a profecia de Joel se cumpre, numa espécie de renovação do Pentecostes, de modo que, para aquele que crê na Palavra, sentir-se tomado pelo poder deste transe ritual, acaba confirmando a própria fé na Palavra. A profecia de Joel, cumprida no corpo do crente, não pode deixar de desencadear este movimento cíclico no qual quanto mais o indivíduo manifestar sua fé, ao ser envolvido pelo transe, mais fé terá para manifestar, já que a verdade de suas crenças se lhe torna, digamos; empírica, uma vez que é marcadamente experimentada pelos seus sentidos.

Mas se esta tal empiria da fé é oferecida por qualquer fenômeno de possessão, no caso da manifestação do Espírito Santo ela é reforçada pela verdade bíblica que comporta, e ainda que qualquer fenômeno de possessão possua também fundamento mítico, aqui o mito se torna tanto mais verdadeiro a medida em que a possessão”⁴ acontece, já que ela está

⁴ Utilizo aqui o termo “possessão” com a ressalva de que esta palavra, de acordo com a concepção nativa, nomeia um fenômeno que, para eles, seria avesso ao que discutimos aqui (da manifestação do Espírito de Deus). Para o crente, “possessão” é sempre diabólica. Deus não poderia “possuir” as pessoas porque elas já

predita pelo mito. A manifestação do Espírito Santo faz parte da constituição da fé evangélica, porque a confirma através da atualização que opera de um episódio bíblico.

Lalive argumenta neste sentido, de que o poder de Deus confirma Sua existência:

“(...) o Espírito Santo é antes de tudo a vida de Deus ou, segundo expressão usada por eles [pentecostais chilenos], o poder de Deus sobre a existência humana. Quando se fala do Espírito Santo menciona-se constantemente a experiência de um *poder*⁵, o fato concreto, uma intromissão da divindade na vida humana. O poder de Deus é a prova de Deus.”

Como já havia sinalizado antes, também está presente em Provetá, de forma notável, a experiência do Espírito Santo como a experiência de um *poder*; um poder que, ao se transferir de Deus para os homens, tem uma dupla dimensão: de poder sentido (como sempre se diz: “Fulano está no poder”, para se referir à sensação do crente quando da manifestação do Espírito Santo ou no caso da frutificação espiritual) e de poder consentido por Deus (como na explicação: “a manifestação do Espírito Santo é um revestimento de poder para o crente fazer a obra”). O Espírito Santo é o poder de Deus, como bem sintetizou Lalive, e este poder (sentido pelo crente ou praticado por ele em nome de Deus) é a prova de Sua real existência.

E se ser batizado no Espírito Santo significa ser atravessado pelo poder de Deus e tornar-se agente de Seus milagres, tem-se, pois, aqui uma noção de pessoa constituída pela agência divina, ao mesmo tempo, tem-se a partir desta corporificação, uma veia aberta para atualizações dos mitos que fundamentam a fé evangélica. Neste sentido, Csordas traz o conceito de *embodiment*; há uma atuação do corpo envolvido na manifestação do Espírito Santo, mas uma atuação do corpo, como não poderia deixar de ser, enquanto agregado de experiências afetivo-culturais. Trata-se, portanto, de uma atualização criativa dos mitos.

Através da manifestação do Espírito Santo o fiel será perfeitamente enredado na trama narrativa da religião, participando dela de forma ativa. Será co-autor do mito ao vivê-lo, estando seu corpo todo empenhado em sua atualização. Em termos antropológicos, eis o

são constituídas e movidas por Ele. Por isso, o termo apropriado seria “manifestação”. “Manifestação” de uma natureza que está em nós, que nos compõe.

Embora reconheça que não podemos nos afastar demais das categorias nativas, entendo o fenômeno da manifestação do Espírito Santo como “possessão” para efeito de análise; a fim de explicitar o diálogo com a literatura antropológica sobre o tema.

⁵ Grifo meu.

poder do Espírito Santo manifestado: confirma-se a profecia de Joel, confirma-se o mito do Pentecoste, confirma-se a verdade de Deus e confirma-se ainda a eleição daquele povo e a sua inata vocação para as bênçãos. Confirma-se também que vivemos o tempo do Apocalipse, como abordarei mais tarde.

Os evangélicos de Provetá, em Provetá, vivem seus mitos nos cultos e fora deles, como atestam os nomes e apelidos bíblicos do povo e seu notório hábito de ver passagens bíblicas nas situações do dia-a-dia. A Bíblia é entendida como código moral e de conduta, como horizonte de vida e de expectativas. Eles estão de tal forma enredados na Bíblia que ela se encarna no seu cotidiano através de uma cultura evangélica que entre profecias e testemunhos (uns e outros perfeitamente bem alinhavados pela fé) fora construindo simbolicamente a vila como um território sagrado habitado por um povo escolhido. Deus é onipresente ali. Ele está nas pessoas e entre as pessoas. O Espírito Santo, como fonte identitária e efervescência religiosa, é um dos alicerces da coesão social local.

Numa complexificação da perspectiva que Durkheim nos legou de que os rituais produzem coesão social, temos em Provetá, por um lado, a identidade de “povo escolhido” reforçada nos cultos; nos discursos das pregações e na manifestação do Espírito Santo, mas por outro lado, há também o próprio caráter coletivo da manifestação do Espírito. O que importa é que o Espírito Santo está de alguma forma relacionado à coletividade, ao pertencimento social local.

Diversos autores⁶ comentam este ponto do caráter coletivo da manifestação: diz-se que o Espírito Santo se manifestou mesmo na igreja quando, como uma onda intempestiva, todos ou quase todos os fiéis presentes são tocados pelo Seu “poder” e então choram, pulam, caem no chão tomados por leves espasmos, louvam em altos brados, falam em línguas não humanas, rodopiam, correm pelo templo, sobem no púlpito, batem palmas, ou gesticulam como se comemorassem alguma coisa, como se demonstrassem grande satisfação. O som “veemente e impetuoso” que domina a igreja mais parece um altíssimo ruído gutural; aquele som de muitas bocas em orações e louvores particulares é que é a verdadeira voz do Espírito Santo, apesar de também ocorrerem, em cultos menos emocionados, manifestações isoladas (geralmente menos exaltadas) por parte de alguns fiéis valorosos.

⁶ Almeida, 2006; Mafra, 2002; Rebelo, Mota e Nunes, 2002; Lalive 1970.

Daí a idéia de *contaminação* pelo sagrado, também fundamental para a compreensão do fenômeno da manifestação do Espírito Santo. A “incorporação” da divindade não só representa um resgate da imanência do sagrado, abandonada pelo protestantismo histórico, numa contaminação do natural pelo sobrenatural. A propriedade contagiosa do Deus pentecostal também faz com que o fenômeno da manifestação do Espírito Santo se transfira de um fiel para outro, até que todo o templo seja tomado, durante o culto (“É tipo uma carga elétrica mesmo porque passa de pessoa pra pessoa”). Via de regra, o Espírito Santo precisa tocar mais de uma pessoa para a confirmação da Sua presença. Dizem os crentes que quando é mesmo Deus quem inspira a pessoa a falar ou interpretar as línguas estranhas ou a revelar qualquer coisa sobre a comunidade ou sobre a vida de quem quer que seja, todos os que estão presentes, os que assistem a cena, sentem a força do poder divino, não só quem está manifestando o dom espiritual. Como demonstra este trecho da entrevista:

Nete: (...) Só que eu não posso, conversando, sem sentir nada, falar línguas estranhas... isso não vai ser de mim... não vai ter graça! Não vai ter como... porque, se eu tiver que ligar com a Bíblia, de repente eu sentir essa presença do Espírito Santo, eu falo línguas, você sente e ela sente...

Rosa: É sobrenatural, é uma coisa que não tem explicação.

Natânia: A gente sente o que?

Nete: Uma coisa diferente.

Rosa: O Espírito Santo.

Nete: É uma coisa diferente! Você não consegue me ver falando línguas estranhas, olhando pra minha cara. Você vai sentir algo diferente em você também. (...)

O Espírito Santo é a sintonia fina entre duas ou mais pessoas que o adorem. Porque o Espírito Santo é Deus e “Deus gosta de ser adorado”, como explicou Lúcia; “quando nós cantamos um hino ou fazemos uma oração sincera, isso chega a Deus como um perfume muito gostoso. Ele gosta de ser adorado”.

Também foi assim no Pentecostes bíblico: “estavam todos concordemente reunidos no mesmo lugar” e Deus instituiu, ao mesmo tempo, o dom de falar em outras línguas e o dom de interpretá-las, para o que me chamou a atenção uma amiga provetaense, uma vez que isso não está explícito no texto, que pode, aliás, dar margem a muitas leituras, dependendo da tradução. É consenso entre as versões que cada um dos presentes na igreja,

oriundos de regiões das mais variadas línguas, ouve as pregações ditas em outras línguas na sua língua natal, o que significa o dom milagroso da tradução, ou da interpretação, como chamam. Deus dissolve a fronteira lingüística e atua viabilizando o entendimento entre as pessoas, quando falam sobre Sua grandeza.

C. Profecias dadas e recebidas

Também a profecia depende de uma espécie de sintonia, há de haver um toque do Espírito Santo em quem a entrega e em quem a recebe. Deus toca um e outro. E isso é o que os comunica, o que faz com que a profecia proferida por um, faça sentido para o outro que a recebe. É que, como veremos a gora, a profecia só faz sentido para quem a *aceita* e quando ela é verdadeira não há como não aceitá-la: diante de uma verdadeira profecia de Deus, todos “sentem a autoridade divina”. Conforme Teleco, um jovem desviado da igreja, explicou-me:

“Se Ele desceu e falou pra você: “Vai acontecer isso.” Você pode se preparar, mané, daqui há dez anos, vinte anos vai acontecer. Se você estiver vivo e acreditar naquilo, isso vai acontecer. Se você não acreditar também você pode morrer e a promessa não acontecer. Aí nego vai falar: “Pô, profetizou aquele dia pra Natânia, aquele dia lá, a Natânia já foi e não aconteceu essa profecia” Mas você vai saber porque que não aconteceu? Se alguém vai saber vai ser a Natânia e Deus; Deus e a Natânia. Porque que aquela profecia não aconteceu? ‘Ah! No mesmo momento que aquela pessoa tava profetizando pra mim aquela parada eu não acreditei, não guardei no meu coração. Deixei passar. Pra mim foi uma coisa vã. Eu não acreditei, não levei a sério’. Então aquela profecia não vai acontecer, que você não levou a sério, sabe qual é? Agora, se você sente que aquela profecia é pra você e você guardar com você vai acontecer, pô. Pode crer que vai acontecer. (...) Na Bíblia tem uma... umas passagens que falam sobre isso (...) que você sabe quando é pra você e quando não é, pô. Você que tem que saber isso; você que tem que aceitar: ‘Pô, essa profecia é pra mim, então vou guardar comigo’. Aí, pô, tu vê uma pessoa falando pra você uma... profetizando assim pra você, aí você fica meio bolado: ‘Pô, será que essa parada é pra mim mesmo?’ Sabe qual é? Você sente quando a profecia é pra você. Tipo, quando não é você também sente, pô. (...) Se for uma coisa que você tá precisando. Pô... tô precisando ouvir isso. Aí o cara vai, chega pra você começa a falar, aí você: ‘Tava precisando ouvir isso. Acho que essa parada é pra mim mesmo’, sabe qual é? Você vê que é pra você mesmo, que você tava precisando ouvir aquilo. Agora uma coisa que não tem nada a ver com você e o cara começa a profetizar pra você, que você: ‘pô essa parada não tá acontecendo comigo, cara. Esse cara tá maluco. Essa parada não tá acontecendo comigo. Não... Sabe qual é? Não rola essa parada.’

Segundo esta e outras explicações, quem recebe a profecia de alguma maneira “sabe” ou “sente” quando Deus lhe fala. As Palavras de Deus possuem uma verdade absoluta subjacente, não deixando espaço para dúvidas e o seu cumprimento é certo. Mas se considera também e ao mesmo tempo uma certa intencionalidade do fiel em receber a profecia. O “deixar passar” a profecia, de Teleco, remete a uma outra expressão comum em Provetá: “segura a bênção!”. Diz-se para a pessoa “segurar a bênção” recomendando que aceite a profecia, o que, além obviamente da vontade de Deus (motivo da promessa em questão), fará com que se cumpra.

Teleco coloca então as duas possibilidades, que na verdade são uma só, para o não cumprimento da profecia: se ela não for dirigida à pessoa/ se a pessoa não tiver fé na sua verdade, se não a aceitar. Mauss já nos ensinara que a dádiva só funciona se for aceita, ao passo que se estabelece uma relação contratual que mantém relações pessoais em funcionamento. Então, se Deus é verdadeiro contratante por detrás do “vaso”⁷ “usado” para entregar a profecia, é entre Ele e aquele que aceita recebê-la que se estabelece e/ou fortalece uma relação. Deus dá a promessa e recebe a fé, uma fé que sabe que a promessa é verdadeira.

Mas se, como vimos, os dons conferem poder ao seu portador, há que se considerar a relação de troca entre os “contratantes” imediatos. O profeta entrega a profecia e recebe em troca o reconhecimento pelo seu dom, quando a profecia é aceita. Pelo menos no caso de Provetá, onde profecias entregues e recebidas circulam num universo fechado em que todos se conhecem. Foi o mesmo Teleco quem me contou sobre a ocasião em que recebera uma profecia por intermédio de Irmã Marilene:

“A Irmã Marilene é sinistra, é como um dos profetas que você tá vendo aqui [na Bíblia] (...) Eu vinha passando pela praça e ela ia descendo a rua. Engraçado que quando eu vi ela eu já sabia que ela ia me chamar. E não deu outra; ela me chamou e disse: ‘Deus mandou eu entregar essa Palavra pra você: Ele disse que um dia você vai ter vontade de voltar pra igreja e não vai conseguir, não vai ter mais força pra voltar.’ (...) Eu fiquei muito triste com isso, né cara? E até hoje eu guardo isso comigo. Aí... pô, vira e mexe ela vem

⁷ A imagem do “vaso”, muito presente no repertório vocabular evangélico, remete à idéia de que os crentes que manifestam o Espírito Santo são como recipientes; eles são preenchidos por Deus e/ou pelo poder de Deus.

conversar comigo; pergunta se eu não quero voltar pra Jesus... às vezes eu tô ali fora na hora do culto e ela vem me chamar pra eu entrar ou então me chama lá na frente pra eu receber uma oração.”

Deus convida Teleco a se reintegrar à comunidade ao advertir sobre a possibilidade de ele se afastar tanto da igreja a ponto de sua condição de desviado se perpetuar. Aqui a promessa dada por Deus foi ratificada pela fé de Teleco; foi aceita. Isto certamente contribui para o prestígio da Irmã que entregou a Palavra, que todos na comunidade sabem: “é uma mulher muito usada por Deus”. E porque Marilene sabe desta promessa de Deus à Teleco, ela se empenha em tentar fazê-lo retornar à igreja.

Chamo atenção novamente para o caráter coletivo da bênção, dado por uma comunhão de fé entre as pessoas, por onde o Espírito Santo se manifesta sob suas mais variadas formas. Todas as pessoas que participam do milagre precisam ter o Espírito Santo pousado em seu coração para que haja realização da promessa de Deus.

Lúcia, cunhada de Teleco, explica noutros termos um caso em que a profecia não se cumpre: quando ela não é Deus.

“Existe a profecia de Deus, da carne e do Diabo. Profecia; uma promessa, entendeu? Então como é que você faz pra saber? Primeiro tem a questão: você tem o Espírito Santo e você consegue discernir. (...) existe um dom, dom mesmo que você vai achar —tá numa das cartas de Paulo— que chama dom do discernimento de espírito. O quê que é isso? É você discernir qual é a fonte. O Tetéti ele tem esse dom apesar de que ele não pratica muito. Mas ele... o Tetéti sabe se tá vindo de Deus ou não. Ele tem isso. É um dom. Entendeu? Pra você discernir se é de Deus ou não. Uma vez ele mandou uma pessoa sentar. Que não era Deus que tava usando aquela pessoa em Palavra. (...) Existe esse dom do discernimento espiritual, entendeu? Mas você também não pode chegar assim julgando: “ah! Porque falou duro comigo então não é de Deus”. Não. Você recebe a Palavra, você escuta a Palavra e Deus vai mostrar se é Ele, se não é... porque? Vai cumprir... ó: profecia que causa confusão, discórdia... ih, menina! Esquece! A Bíblia diz que nosso Deus não é Deus de confusão, Natânia. Quando Deus fala, Natânia, se cumpre. O povo aceita, porque o povo sente a autoridade de Deus, você tá entendendo? Eu já vi muita profecia...”

Uma senhora que mora aqui, nossa vizinha, ela tava com problema no rim, ela foi botar cístola pra fazer hemodiálise, deu trombose no braço dela, deu infecção do braço. A infecção se generalizou e ela morreu em sete meses, tadinha. Sofreu muito. O povo todo: “Deus vai curar!”, teve profecia dizendo que Deus ia curar. E ela tinha muita promessa de que Deus ia curar, que ela ia ser missionária com o marido dela. Muita boazinha a mulher. Bom, não se cumpriu a promessa de que eles iam ser missionários porque ela morreu. E

todas... várias pessoas falaram pra ela que ela ia ficar curada. E ela não ficou curada! Essa Palavra que as pessoas falaram era verdadeira? Era de Deus?

Natânia: Não.

Lúcia: Não era. No dia do enterro a filha dela falou: “Pai! Pai! Mentiram pra gente, Pai! —o pessoal que tava do lado— Cadê a promessa de que Deus ia curar minha mãe, pai?”

Natânia: Tadinha!

Lúcia: Ih! Ela ficou revoltada! A sorte que o marido dela [da falecida], nosso vizinho é um homem muito... cabeça feita; muito fiel e ele teve estrutura pra agüentar porque se não ele podia até se desviar da igreja, né? Mas a filha ficou com raiva! Ficou desesperada! Entendeu? Então causou o quê? Confusão(...)

A Bíblia é que ensina que a fonte pode não ser Deus. Então você não pode ir acreditando em tudo o que te falam. Eu aprendi isso nesses dez anos que vai fazer que eu tô na igreja eu tenho aprendido isso. Não acredito em tudo... pode ser o rei! Mas... vamos esperar pra ver se vai acontecer(...)

Às vezes, não é que a pessoa esteja falando errado, mas ela mistura pensamentos da sua cultura, da sua educação, da sua formação... ela mistura à Palavra de Deus, aí ela transforma aquilo em heresia. Acontece muito. E gera confusão. Entendeu?

Agora; a Palavra de Deus não gera confusão nunca, Natânia. A Palavra de Deus, pelo contrário, ela vem esclarecer. Entendeu? Da mesma forma que Deus não quer falar uma Palavra ao povo que vá gerar confusão. Quando Ele vai consertar o povo; falar uma Palavra dura, Ele vai na certa! Que é com você, não tem jeito. Você sabe que é com você mesmo que Ele tá falando e pronto. Você errou mesmo. “Ah! Meu Deus; tenha misericórdia! É comigo mesmo!” Aí pronto. Aí você se conserta. Você tem que enfiar a viola no saco e pronto. Você errou mesmo(...)

E pode ter uma profecia inspirada por Deus que o profeta acrescenta mais um pouquinho. Também pode. rs... Entendeu?

Natânia: Entendi. Então pode ser que numa profecia uma parte dela se cumpra porque é de inspiração divina e outra não.

Lúcia: Pode. Agora; você quer não errar na sua vida espiritual? Vai pela Bíblia!”

Neste caso de nada adiantará a fé na promessa recebida, uma vez que ela não tenha sido feita por Deus. E, neste caso, a “falsa profecia” pode ter um efeito danoso sobre a fé e/ou o vínculo com a igreja. Pode gerar “revolta”, como Lúcia explicita. Mauss já alertava que a falha no processo da dádiva-troca trás complicações para as relações que deveria estabelecer: “recusar um presente equivale a declarar guerra”. No caso relatado, criou-se uma expectativa em torno de uma bênção que jamais se cumpriria, porque a natureza da promessa era humana, ou diabólica. Os homens, desejosos da recuperação da doente, fantasiavam profecias. Ou poderia mesmo ser que o Diabo tenha inspirado a profecia, que ele, nas palavras de Lúcia nesta mesma entrevista: “tenta imitar tudo o que Deus faz”.

D. Lúcia e Marilene

Temos comentado que o Espírito Santo a partir do dia de Pentecostes “veio para ficar e passou a se apresentar coletivamente”. Significa que as manifestações além de serem mais freqüentes que antes, são em grupo. Então a manifestação do Espírito Santo traz ainda um outro interesse: o dos casos atípicos de manifestação, quando o Espírito Santo se apresenta isoladamente. Irmã Marilene nos fornece um exemplo destes casos.

Sabe-se que os filhos diletos de Deus estão sempre em sua companhia. Muitas vezes se vê nos cultos da Assembléia as mãos da Irmã levantadas para o alto, sozinhas, no meio dos demais fiéis, enquanto profere algumas poucas palavras em línguas estranhas⁸. Tendo em conta que a manifestação do Espírito Santo é coisa eminentemente coletiva, ritual e extraordinária, a glossolalia individual da Irmã (dentro e fora da igreja) aponta para uma capacidade ordinária especial de se comunicar com Deus e de “ser usada” por Ele para manifestar Seu poder, segundo Kátia:

“A Irmã Marilene é muito abençoada mesmo. É uma serva de Deus. Ela fala com Ele assim como eu to falando com você agora. (...) A gente não tem como ver por causa da saia, né? Mas dizem que os joelhos dela têm duas marcas de tanto ela ficar ajoelhada orando. Por isso é que Deus ouve ela, ela é muito boa, ta sempre pedindo pelos outros, sempre rindo, ajuda todo mundo... quando ela sai do Provetá o lugar fica até triste, Deus vai com ela”.

Mas dizer apenas que Irmã Marilene guarda esta contigüidade com a figura divina não nos ajuda muito a explicar o fato de ela ser capaz de contrariar o tal caráter coletivo da manifestação do Espírito. Interessa justamente o motivo daquela contigüidade, que abre espaço para as manifestações.

⁸ Não posso deixar de considerar aqui uma distinção sobre a qual a Bíblia de Estudos Pentecostal da Cpad, que me foi recomendada por muitos provetaenses para ajudar em meus estudos, esclarece:

“Este dom [falar noutras línguas] tem dois propósitos principais: (a) o falar noutras línguas seguido de interpretação, também pelo Espírito em culto público, como mensagem verbal à congregação para sua edificação espiritual (1 Co 14. 5-6, 13-7). (b) O falar noutras línguas pelo crente para dirigir-se a Deus nas suas devoções particulares e, deste modo, edificar sua vida espiritual (1 Co 14. 4). Significa falar ao nível do espírito (...)”

Mas mesmo o ato de falar em outras línguas em oração significa que o fiel tem o dom da glossolalia e indica seu alto grau de devoção, de envolvimento na oração.

É certo que, como vínhamos argumentando, a moral evangélica está em Provetá de tal forma incutida nas pessoas que todas ali sentem Deus em si e no seu cotidiano como atestam muitos relatos, muitas conversas a toa com os provetaenses gravadas apenas em minha memória. Eu mesma O sentia, envolta naquele ambiente afetivo por um mês. Mas poucas pessoas, como Irmã Marilene manifestam o Espírito Santo fora da igreja e da onda de glossolalia que se derrama nas orações mais emocionadas do culto. É que Marilene é digamos, exemplarmente “de dentro”: é uma das principais herdeiras da “graça local” porque é neta daquele que levou o Evangelho ao Provetá, irmã do Pastor presidente da Assembléia de Deus, ela mesma presidente de um dos grupos mais ativos da igreja, mãe de família, sempre simpática, sempre receptiva, profunda conhecedora da Bíblia, cheia de fé e de uma retidão moral, dizem; impecável.⁹ Possui muitos dons do Espírito Santo: o dom da profecia, da revelação por sonhos e visões, o dom de línguas (espirituais e terrenas), o dom da interpretação, o dom de cura, o dom do ensinamento da Palavra.

As constantes manifestações do Espírito Santo atestam e intensificam sua santidade, seu rompimento com as “coisas do mundo”. Neste circuito de doações-recebimentos-distribuições das mensagens divinas, Marilene atua de forma decisiva. Ela é a grande responsável pela (re)distribuição das bênçãos na comunidade. Foi por uma profecia entregue pela Irmã, que Lúcia, uma mulher “de fora” entrou para a Assembléia de Deus de Provetá e é hoje vice-presidente do Círculo de Oração — grupo da igreja do qual Marilene é presidente.

Lúcia costuma ser mencionada pelo grupo de pesquisa como exemplo do mais próximo de estar “dentro” que um “de fora” pode chegar. Nascida na zona sul do Rio de Janeiro, mudou-se para Provetá ao casar-se com Tetéti, provetaense. O casamento e a religião são duas vias fundamentais de integração à comunidade.

Acompanhemos sua fala numa entrevista:

“Eu não sou batizada com o Espírito Santo e eu já escutei várias vezes na igreja... inclusive esse Pastor que esteve no sábado e no domingo aí, ele falou

⁹ Acho interessante ilustrar o tipo de reação que a figura da Irmã costuma suscitar com um trecho do diário de capo de Mariana Mendonça: “Como prometera ao seu pai, [Marilene] tem dedicado sua vida à igreja e mostra-se muito feliz. Interessante salientar como era doce, falava as coisas calmamente e tinha um riso fácil, diferente da mulher forte, que falava com muito vigor no culto do dia anterior.”

que a pessoa que não fala em línguas estranhas num culto daquele tem que aceitar Jesus de novo. Quase que eu levantei e vim pra casa. Eu falei: “Bom, então... dez anos na Igreja e não tô salva ainda?” Então isso é o que? Heresia. (...) O falar em língua estranha é o revestimento de poder pra você fazer a obra; ponto final. É isso. Entendeu? Você já viu uma pessoa falando língua estranha do teu lado muito rápido e alto? Você fica até receoso porque você não entende aquilo ali. Então pode causar até escândalo pra quem não conhece. Você entendeu? Aí o quê que Paulo ensinou? Tinha Igreja que todo mundo começava a falar em língua estranha ao mesmo tempo, era aquela confusão... Paulo falou: “gente, quando tiverem dois ou três falando língua estranha os outros sentem porque se não ninguém entende nada no culto! Na hora que você tá ouvindo a Palavra, se uma pessoa começa a falar em língua estranha do teu lado... a pessoa fala, fala, fala, fala... você vai prestar atenção no que o Pastor tá ensinando? Não. Então a única coisa —guarda— a principal coisa que não tem limite, Natânia, pra você praticar é o amor. Quase todas as outras coisas na Bíblia têm limite. (...) Porque a língua estranha tem limite. Entendeu? E mais —isso não sou eu quem tô falando, não, heim. É a Bíblia, tá? — é... Paulo falou o seguinte: “olha gente! Eu prefiro falar dez, quinze, vinte —eu não lembro quantas palavras que ele fala— na minha língua que vocês vão me entender do eu que falar uma porção de palavras em língua estranha que ninguém vai entender nada. Porque? A língua estranha edifica quem tá falando porque quem tá falando sente prazer, tá se edificando espiritualmente. Agora se eu falar em línguas estranhas duzentas vezes aqui não vai servir nada pra você, Natânia. Vai servir pra mim. Então Paulo preferia ensinar, falar com a palavra dele do que ficar o culto inteiro falando língua estranha. Ele podia subir no púlpito falar língua estranha, falar, falar, falar... quando acabasse o culto ele ia embora feliz da vida, e o povo? Entendeu? Porque? Porque as pessoas confundem um pouquinho as coisas, entendeu? A língua estranha é uma manifestação do Espírito Santo pra revestir o crente de poder. Só que ela não é indispensável para a salvação... “Ah! Quem fala língua estranha é salvo!” Não. Pode até existir uma pessoa que esteja em desobediência, mas ela abriu seu coração; falou em língua estranha... mas ela é mentirosa, ela é caloteira... e fala em língua estranha!

Lúcia, ao contrário de Marilene, não é uma “filha do lugar”. Ela não tem laços consangüíneos ali, pelo menos enquanto não tem filhos com Téteti¹⁰. Lúcia, então, não tem

¹⁰ A sogra de Lúcia, mãe de Tetéti, Teleco e Cabeludo, também não é nascida no Provetá; é de Trindade. Mas Dona Vicentina, além de ser nascida em local mais próximo, ser mais velha e ter chagado mais nova (aos 11 anos de idade, trabalhando como babá), se enraizou através de sua descendência: casou-se com Seu Sisi, que é “filho do lugar” e teve sete filhos na vila. Dona Vicentina parece mais integrada que Lúcia; esta era minha impressão do campo. Conforme meu caderno de campo:

“Dna Vicentina era muito bem quista na vila; sua fama era de que, diferente de outras mulheres da igreja, não falava da vida alheia; nunca fazia fofocas. Ela foi durante dez anos a terceira dirigente do Círculo de Oração, durante seis anos professora da classe das senhoras da Escola Dominical, era batizada nas águas e no Espírito Santo” .

relações com os ancestrais comuns —os que receberam a condição de eleitos e de comunidade eleita pelo mito fundador. Não possui o que Birman chamou de “ancestralidade pentecostal”.

A história do não batismo de Lúcia e a origem de sua reserva com relação às línguas estranhas:

(...) de início eu achava que “bom a pessoa...” que realmente naquele momento ela está cheia do Espírito Santo. O Espírito Santo tá chacoalhando ela de uma maneira diferente. Ela vai pra casa com uma energia diferente. Só que eu já vi, digamos... isso me causou uma certa... digamos; uma certa dúvida, uma certa questão na minha cabecinha. (...) e eu não recebi o batismo —que aqui eles acham muito importante falar em língua estranha, não sei se você já reparou (...) Aqui a Igreja inteira é [batizada com o Espírito Santo]. Só eu que não sou. rs... Então, eu via gente falando... Teve uma festa da mocidade que eu passei —primeira festa da mocidade— foi uma bênção! Gente, eu amei aquela festa! Eu tava sentada no conjunto da mocidade. Aí foram três rapazes, que eles assim; um mês antes da festa, eles aceitaram Jesus. Estavam desviados. Aí fizeram a roupa da festa, que era uma beca vermelha e participaram da festa. O quê que aconteceu? Foram batizados com o Espírito Santo. Se acabaram de pular lá na frente. Eu cá comigo: “Ai, meu Deus! Esses meninos... nem sabem se são crentes direito e eu não recebo nada.” Tudo bem. Aí isso no domingo de manhã; na segunda feira os rapazes estavam na rua bebendo e fumando maconha, no dia seguinte. Eu falei: “Jesus! Mas que maluquice é essa? Se eles receberam, se eles tão cheios que eles pularam... E começou a criar uma dúvida em mim, uma coisa em mim, como se tivesse alguma coisa errada comigo, entendeu? (...)”

Se o falar em línguas estranhas é uma confirmação de que o crente fora batizado no Espírito Santo e recebera Seus dons espirituais, o chamado “selo da salvação”, e se o Espírito Santo é elemento constitutivo da identidade provetaense, o não batismo de Lúcia atesta os limites de sua integração. Segundo ela, depois do que vira na festa da mocidade, começara a buscar na Bíblia respostas para sua questão, até que encontrou uma orientação que a satisfizesse, a de que existem dois caminhos para a salvação: o da “edificação espiritual” e o da “edificação na Palavra”. De acordo com sua exegese, receber o Espírito Santo está no âmbito de uma edificação espiritual que se relaciona mais às manifestações emotivas da fé do que a uma vida reta; vigilante e moralmente orientada segundo a doutrina evangélica, o que, para ela, estaria no âmbito de uma edificação do crente na Palavra.

Nete e Rosa já nos haviam esclarecido que o Espírito Santo, apesar de “sensível”, pode se manifestar em pessoas que estejam em pecado, ou seja; em corpos “impuros” que não estejam “limpos”, e esta é a Sua virtude ordenadora: como uma flor do lodo, o Espírito Santo manifestado no pecador, vem lhe lembrar que “assim como ele está, mesmo assim Deus ainda o quer”, que “Deus tem um plano para a sua vida”; vem lhe “convidar para sentar à mesa do banquete divino”, para se (re)integrar à comunidade.

Mas, apesar de reconhecer que o dom da Palavra também é uma forma de manifestação do Espírito Santo, na oposição que Lúcia estabelece entre Suas manifestações propriamente ditas¹¹ e o ensinamento/ apredizagem da Bíblia, este caráter de convite que o Espírito pode assumir desvaloriza o dom, porque se relaciona mais a uma “edificação” individual, ou seja; a um momento da trajetória religiosa que (ao contrário do que temos defendido neste trabalho) não pode ser compartilhado. E neste sentido, é interessante observar que Lúcia, como na sua outra fala sobre as profecias, salienta o efeito inverso que a bênção pode ter. As línguas estranhas do Espírito Santo, em excesso, podem “causar escândalo”; as profecias que não são de Deus, podem causar “revolta”.

Para Lúcia as línguas espirituais são uma alteração do Pentecostes bíblico. Sugere a interpretação de que as línguas faladas neste dia eram línguas humanas de diversas nacionalidades, embora não negue também fundamento bíblico à glossolalia. De fato, não fica claro neste texto bíblico da descida do Espírito no dia de Pentecostes se as línguas faladas eram espirituais ou humanas: “E começaram a falar noutras línguas conforme o Espírito Santo lhes concedia que falasse.” Mas normalmente se entende estas “noutras línguas” como glossolalia. Lúcia não recebeu ainda o selo do Espírito Santo, ou este selo não se tornara visível para os outros, em manifestações mais claras da presença divina. Numa comunidade em que todos estão sempre sob o olhar atento uns dos outros, ela não possui essa dimensão pública da fé que é uma resposta divina a um pertencimento moral e social.

E. Conclusão

¹¹ Lembre-se aqui da diferenciação que fizemos no tópico anterior entre inspirações do Espírito Santo e Suas manifestações propriamente ditas.

Este longo e fragmentado capítulo merece uma conclusão, a fim de que o resumo das idéias fundamentais possa auxiliar a compreensão do raciocínio desenvolvido.

A idéia central aqui foi a de que o Espírito Santo, como fenômeno essencialmente coletivo, está de muitas formas relacionado ao pertencimento local. Como uma espécie de matriz identitária (ser provetaense é ser no Espírito Santo), Ele representa um vínculo dos provetaenses com o território e com sua história. A vida em Provetá, apartada do “mundo”, é uma “vida de santidade”, marcada pela Sua agência, que assume a forma de um poder dado por Deus (dons) e recebido pelos crentes (frutos). Dons e frutos servem de fundamento da fé, atestam a veracidade do conteúdo das crenças religiosas pentecostais. O poder do Espírito Santo na vila e em seus habitantes é entendido como evidência da doutrina pentecostal e da bênção de Deus à comunidade, o que a diferencia de outros lugares.

Com a encarnação das verdades bíblicas do dia de Pentecostes, da eleição de um povo por Deus, da importância dada às genealogias, o entendimento da Bíblia se renova, alimentado pelos eventos cotidianos a que se mistura, numa permanente atualização dos mitos. O que obviamente só é possível porque a Bíblia é tida como um horizonte de vida e de expectativas¹².

Lúcia e Marilene exemplificam estas suposições: Marilene possui uma “ancestralidade pentecostal” que lhe dá o dom de falar em línguas estranhas, dom do qual depende necessariamente o dom da profecia. Lúcia, que não é semente do milagre de Deoclécio, não participa como doadora deste circuito de trocas das bênçãos e tomamos Mauss para lembrar que o “dar” é mais valorizado, mais prestigioso que o “receber”. Isso prejudica seu sentimento de pertencimento e a faz elaborar um discurso cuja distância da doutrina é marcada, embora seja vice-presidente do conjunto mais acídulo da igreja.

Reesink, em seu trabalho com os católicos de Casa Amarela, comenta a importância de constituir Deus como personagem nas análises antropológicas em que Ele é figura central para os universos estudados, em vez de nos restringirmos ao seu papel; às funções que desempenha. Temendo que tenha incorrido neste problema, termino este capítulo com

¹² Assim é que Bakker, quando aplica o conceito de *bricolage* de Lévi-Strauss ao seu objeto, observa que “as experiências de assistir a televisão pareciam fornecer um repertório de imagens a serem “bricoladas” em relação aos textos bíblicos”.

uma caracterização do Espírito Santo, montada a partir das falas dos profetas: “o Espírito Santo é Deus em espírito; é o Espírito de Deus”. Também aparece como “pessoa”, como “homem”, nas explicações que ouvi. Ele “é sensível e é cavalheiro”. “É doce”, como me disse Irmã Marilene. “Uma coisa doce como uma pombinha branca”. É “o consolador enviado por Deus pela morte de Jesus Cristo”. “É nosso vigia” e assim é externo a nós, mas é também nosso “sopro de vida”, sendo assim parte de nós. “É Deus” e “é mensageiro de Deus”; “nosso advogado” junto a Ele. Aparece referido como “fogo”, “vento”, “água”, “azeite”. “O Espírito Santo é um selo, o selo da salvação, porque Ele nos marca para sermos salvos”. Todos os que se arrependem de seus pecados, se convertem e seguem as regras de conduta moral da religião terão o Espírito Santo consigo, manifestá-lo significa uma evidência de sua companhia.

III Uma Outra Visão do Campo (de Batalha)

Segundo o relatório explicativo preparado por aquela que costumo chamar de “minha assistente de pesquisa” por muito me ajudar com as tarefas de campo, Patrícia, uma mocinha provetaense:

“As festas na igreja são sempre no claro (lua cheia), quando os pescadores estão na vila. A igreja (diretoria) programa uma agenda no final de cada ano, correspondente a cada lua cheia, por isso, as festas nunca têm data certa.”

Este ano, no claro de fevereiro, aconteceu a festa do conjunto dos Gideões. Inicialmente programada para durar três dias, a comemoração acabou se estendendo por mais um, coincidindo assim integralmente com os quatro dias de carnaval.

O espaço físico da Assembléia de Deus de Provetá é organizado de forma interessante: o primeiro terço de bancos imediatamente à frente do púlpito está disposto lateralmente em relação a ele. A partir do segundo terço até o fim do salão os bancos estão como de costume em qualquer igreja: de frente para o altar. Assim fica claro e destacado que, assistidos pelos demais, os que se sentam naqueles primeiros bancos, juntamente com os missionários e pastores sentados no púlpito, protagonizam a cena do ritual. São os membros componentes dos “conjuntos da igreja”.

São, ao todo, sete conjuntos divididos por sexo, faixa etária ou condição social que formam os coros de louvores dos cultos e desempenham papéis específicos na organização das atividades da Assembléia. Cantar num destes conjuntos implica numa responsabilidade de obediência à doutrina maior que aquela esperada do comum dos fiéis. Um crente exemplar percorrerá uma trajetória determinada dentro destes conjuntos, de modo que eles possuem um caráter de iniciação religiosa, até se chegar ao conjunto dos Gideões (no caso dos homens) ou ao Círculo de Oração (das mulheres), quando então geralmente assumem algum papel na gestão da igreja.

A estes conjuntos pertencem então os pais e as mães da igreja (no sentido real e figurado). É a geração que participou da fundação da Assembléia de Deus local; netos e netas dos primeiros convertidos da vila. No Círculo de Oração a mulher ingressa quando se casa e lá permanece até que o avançado da idade lhe permita o salvo-conduto de não mais freqüentar os cultos. Também o Conjunto dos Gideões é composto pelos homens casados,

chefes de família respeitados. Todos os Pastores participam deste conjunto, que me foi algumas vezes referido pelos provetaenses como “o conjunto dos homens pescadores”, o que sugere uma relativa coincidência entre as identidades religiosa e econômica locais (Cretton 2007).

Ao longo de cada ano acontece uma grande festa para cada um dos conjuntos com o propósito de avivamento da fé e recepção de crentes de outras cidades e Estados para juntos celebrarem seu pertencimento religioso adorando a Deus e trocando experiências na forma de testemunhos das bênçãos divinas. Mencione-se que, levando em conta a quantidade de conjuntos e o calendário provável das festas anuais, Provetá não passa mais que dois meses sem uma importante celebração religiosa destas. Em fevereiro de 2008, além da festa dos Gideões, ainda se comemorava o aniversário de 25 anos da fundação da Assembléia de Deus local.

Assim, com mais de uma semana de antecedência começaram os preparativos. A fachada da igreja estava sendo reformada; os bancos e lampiões da pracinha central, onde se localiza o templo, estavam sendo pintados pelos próprios Pastores. Luzes e caixas de som seriam depois instalados na praça: haveria shows gospel todas as noites, patrocinados pela prefeitura de Angra. Um enorme holofote fora instalado na área mais escura da praia —normalmente usada para o consumo de drogas pelos jovens não crentes ou desviados da igreja. As Irmãs do Círculo de Oração ocupavam-se de arranjar em casas de conhecidos a hospedagem dos muitos visitantes que previam receber. Havia ensaios diários de peças teatrais e músicas que seriam apresentados por cada um dos conjuntos. Os alto-falantes da igreja não silenciavam, em convocações (não raro nominais) para tarefas e reuniões. Os crentes estavam animadíssimos, principalmente os Gideões. Havia a expectativa generalizada de um intenso contato com Deus nos próximos dias, que resultaria, na prática, em manifestações do Espírito Santo, em conversões e retorno daqueles que se encontravam afastados ou desviados da igreja. Nas pregações dos dias que precederam a festa dos Gideões não faltaram revelações de que a celebração seria muito abençoada. Como se pode inferir, o próprio fenômeno da revelação evidenciava que o Espírito Santo já pousara sobre a igreja e a vila.

Provavelmente já tendo percebido que eu não era crente, desde o meu primeiro trabalho de campo os provetaenses me convidam para visitar a comunidade no carnaval:

“Provetá fica bom é no carnaval”, diziam todos; crentes e não crentes. Estes últimos salientavam o movimento na vila, a diversão das pequenas festas marginais, a beleza da praia no verão; os primeiros se referiam também aos turistas que visitariam a vila, mas acrescentavam sempre que, diferente do carnaval do Rio ou do restante da Ilha, no carnaval de Provetá não havia violência e confusão porque todos os estrangeiros que iam pra lá eram crentes.

Provetá estava mesmo irreconhecível se comparado com o meu primeiro campo. Duas semanas antes da festa que coincidiria com a festa dos Gideões as casas estavam todas sendo pintadas de cores vivas, as poucas lanchonetes e bares também estavam sendo limpos e reformados. Um sem número de barraquinhas de açaí e sorvete foram abertas por toda a parte. Alguns moradores alugavam suas casas para conhecidos, permanecendo na casa alugada, outros apenas recebiam visita de parentes e amigos ou acolhiam pessoas como favor à igreja. Todos os quintais e a praia estavam cheios de barracas de camping.

Nestes dias estive hospedada numa casa que fica na rua principal da vila, ao lado da igreja e a caminho do cais, e via da minha janela, de quando em quando, novo aglomerado de pessoas, que se desfazia mais à frente, conforme ia tomando, cada qual o seu rumo, à medida que adentravam o coração da comunidade. Os rapazes provetaenses estavam particularmente interessados em “dar uma força pros amigos” com a descarga de compras no cais, como faziam sempre. Queriam ver quem estava chegando nos barcos hiper lotados para o “carna-mar”¹³ —como eles brincavam de misturar “carnaval” e “mar”; o “carnaval na praia”.

Para os jovens desviados, ansiosos por algazaras, paqueras e noitadas o carnaval traria uma oportunidade única de diversão, raramente oferecida em Provetá, onde a sobriedade parece dar o tom do comportamento cotidiano. A comunidade, com aquele seu tom de “casa espriada pela rua”, aquela imensa identificação das pessoas, um lugar de pessoas iguais, seria invadida pela festa pagã que traria a alteridade e instituiria a inversão, abrindo assim as portas para o “risco”.

O assunto principal das conversas dos rapazes desviados era a festa vindoura: o “carnaval na praia”. Tinham então comprado bebidas alcoólicas e outras drogas que viriam

¹³ “Carnamar” é também o nome de uma festa típica do carnaval de Paraty, trata-se de uma competição de barcos que, como carros alegóricos, atravessam o canal concorrendo nos quesitos “mais animado” e “mais enfeitado”.

do continente e montaram barracas de bambu na praia onde venderiam cerveja, caipirinha e outras bebidas quentes ao som de funk. Também na praia organizariam campeonatos de vôlei e futebol. E os bares, todos na praia, ofereceriam a estrutura básica do que seria a comemoração dos desviados, com sinucas, forrós, uma permissividade quanto ao vestuário maior que a habitual em Provetá, bebidas e cigarros e um intenso consumo de outras drogas em seu entorno.

Patrícia Birman desenvolvera em um interessante artigo a idéia apontada por Cretton em sua monografia: a da geografia simbólica de Provetá, em que os evangélicos ocupam e freqüentam a área central da vila, onde se encontra a praça e a igreja, enquanto os desviados ou não crentes circulam preferencialmente pelas margens; praias e encostas dos dois morros limites da comunidade.

Estas áreas marginais compõem no imaginário pentecostal local a esfera de ação preferencial do demônio e naquelas áreas se encontrariam as coisas e eventos deste universo semântico.

IV

Êxtases Festivos ou;

O vinho da contenda e a embriaguez do Espírito Santo

Pode-se dizer que as drogas constituem a mais densa rede do demônio em Provetá, sua sedução mais eficaz. Lá não há muitos casos de prostituição, violência, roubo, homossexualismo que são as portas de entrada do Diabo normalmente apontadas pelas doutrinas evangélicas. Por seu turno, é grande o consumo de drogas em áreas marginais da vila, fato sabido por todos na comunidade, criticado nos cultos, sofrido pelas mães e pais crentes e curiosamente não reprimido pela polícia local. Sabe-se que as igrejas evangélicas têm antes uma postura salvacionista que criminalizante e numa comunidade onde a gestão política é colada à religiosa, a impunidade legal a práticas como esta é a regra —embora isso não isente os delinquentes de outros tipos de sanção, especialmente se for um delinquentes “de fora”. Assim, embebida da afetividade local, a interpretação que Teleco, jovem desviado, fazia do incipiente tráfico de drogas da vila era a seguinte:

“Os amigos que trazem as drogas de Angra pra fortalecer a galera aqui. Compram lá, preparam aqui o pó ou então as dolinhas de maconha e vendem só pros amigos mesmo. Aí tiram o seu —que o cara que teve o trabalho de ir lá buscar vai querer tirar o dele— e salvam a galera aqui. Só isso. Aqui não tem esse negócio de tráfico, não, de violência...”

Graças à “camaradagem” dos amigos, as drogas nunca faltavam na vila, faziam parte da rotina dos desviados, e não só da rotina. O consumo de drogas era também o ponto alto de suas festas. Era caricato como nas reminiscências de festivais e shows em outras praias da Ilha e em Angra, a frase “se lembra daquela festa? Geral tava muito louco!” praticamente equivalia ao introdutório “era uma vez...” E agora uma das grandes expectativas para o carnaval era a de consumir muitas e novas drogas que viriam de fora.

Era prevendo este circo do mal que se armava nos recantos de um território sagrado, que no culto da semana anterior às festividades, Irmã Marilene, pedia aos fiéis uma intensificação da corrente de oração porque estava chegando o carnaval “essa festa terrível!”. Os alto-falantes da igreja soavam mais alto que o habitual; podíamos ouvir claramente as pregações entusiasmadas e gritarias da glossolalia de todos os cantos da praia

onde se consumia drogas. Num destes cantos, para auxiliar à igreja em seu combate às trevas, estava sendo instalado um imenso holofote.

Crentes de um lado, desviados de outro; festa dos Gideões e carnaval. O êxtase que as drogas proporcionariam era a meta da festa dos desviados, assim como a manifestação do Espírito Santo era buscada pelos crentes.

O êxtase, como alteração da percepção de si, do tempo e do espaço, é sempre uma experiência, nos termos de Walter Benjamin. Representa um evento memorável, especial, por conta da utilização extraordinária dos sentidos em que se traduz, e pela forma como estas sensações são interpretadas pelas pessoas.

Lúcia: A presença de Deus, sabe como é? É um calor que vem de cima — literalmente— não tem nada quente perto de você; pode estar frio. Eu já senti de várias maneiras; vir de cima... esquentar tua bochecha, que a tua bochecha fica igual um pimentão, literalmente. E não é calor, Natânia. Eu já senti na nuca: um absurdo! Um calor absurdo! Eu já senti nas mãos e sempre desce, de cima pra baixo. Você sente um calor no teu corpo, uma alegria, um gozo na tua alma. Essa é a presença, né? E quem é batizado com o Espírito Santo fala essa língua enrolada. rs... Entendeu?

Natânia: É como uma embriaguez, né? A própria sensação do calor, né?

Lúcia: É. Eu nunca fiquei tonta... nada disso. Mas... você já viu as pessoas na Igreja no poder... elas levantam, elas andam na Igreja... elas ficam... sabe? Vamos dizer assim; se você for dizer... a pessoa tá pagando até mico — quem não conhece. Porque ela levanta... moça quietinha da Igreja levanta, fala, sobe no púlpito, pula, cai no chão, que não se agüenta com o poder. É nesse sentido, entendeu?

Rosa: É como uma carga.

Nete: É tipo uma carga elétrica mesmo porque passa de pessoa pra pessoa. É. Passa. Eu tô aqui. Aí se você estiver lá... se vier uma irmã de lá me abraçar...

Rosa: É um choque.

Nete: É uma quentura, uma coisa, uma carga mesmo, como se fosse uma carga elétrica que te pega e você já vai pro lugar onde você tá indo... quando você... dá um estalo em você, você tá longe!

Natânia: E tu, rapá? rs... que olho é esse? rs... tá doidão, né? Tá parecendo um vampiro. rs...

Rapaz: Tô. rs...

Natânia: Mas você usou o quê?

Rapaz: Fumei. Bebi. Tequei¹⁴.

Natânia: Lá no casamento?

¹⁴ “Dar um teco” ou “dar um tiro” são gírias normalmente usadas para se referir ao uso da cocaína.

Rapaz: Lá eu bebi. Saí de lá eu fumei um, depois dei dois teco, que o maluco jogou lá pra nós.

Natânia: Eu nunca cheirei. E você sente o que?

Rapaz: Pô... Você fica mais agitado. Teus sentidos ficam aguçados; dá uma vontade de fazer assim com os dentes [range os dentes]. Você fica de bicho!

Natânia: Eu acho que essa onda não tem nada a ver com esse clima da Ilha, tranqüilão, pá...

Rapaz: Ah! Mas é festinha, pô... rs... festinha tem que rolar. rs...

Garoto: Maluco! Porque eu tomei... eu tomei um comprimido e meio. Tomei meio, que o cara tinha falado pra eu tomar meio, mas não senti nada, aí tomei mais meio que tava triturado (triturado ainda!) e depois a outra parte, que eu não tinha onde guardar. Aí de repente eu comecei a suar, olhei pra pedra, vi a pedra se levantar na forma de um homem. Que é isso! Aí eu suando, suando, tirei a camisa. Cara, eu procurando a Natânia e não achava, não achava a Natânia. Eu andei essa praia inteira, de uma ponta à outra, umas quatro vezes procurando a Natânia. Eu andando rápido, quem me via... até o Cicão que me viu, suando pra caramba, com a cara como? Monstro! Falou pra mim assim: “vai devagar!”, “vai devagar!”

Buiú: rs!

Garoto: Caraca, mané... eu te digo: nunca mais! Maior “bad trip”! Eu falei com a Natânia que eu parei com isso. Ficar só no baseadinho mesmo... ondinha tranqüila...

Destacam-se nessas falas, tanto no caso do uso de drogas quanto no da manifestação do Espírito, sensações corporais que, por vias diferentes, apontam para uma transgressão dos limites do corpo. Na Bíblia o poder do Espírito costuma aparecer por oposição ao efeito do vinho, justamente na medida em que seus efeitos são comparáveis. Logo que percebi isso, falei a meus amigos:

Natânia: Aí, sabe o quê que eu me liguei? Assistindo o culto na quinta-feira o cara pregou lá, falou uma passagem da Bíblia que falava assim: “não vos embriagueis com vinho...”

Magnum: “Em que há contenda.”

Natânia: “...em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito Santo”, né? E aí eu percebi que várias passagens do Espírito Santo, falam por oposição de vinho assim, sabe? Tipo assim... ah... você... tipo: quem tá com o Espírito Santo tá embriagado de uma outra coisa... do bem, entendeu?

Teleco: Embriagado de poder, pô, do poder Espírito.

Natânia: Ao contrário do vinho, que é uma embriaguez do mal, sabe?

Magnum: Então a parada é isso.

Teleco: Do mal: em que há contenda.

No próprio dia de Pentecoste alguns dos que vêem o milagre da glossolalia dizem: “estão cheios de mosto!” (Atos dos Apóstolos 2:13). O falar enrolado, a falta de controle dos próprios movimentos e a sensação incomum do tonteamento dos sentidos caracterizam estados de êxtase que se podem alcançar louvando a Deus ou rendendo-se ao Diabo, como se a alteração da consciência humana, que está auto-centrada, numa espécie de “ponto zero”, no meio —entre as inspirações do céu e do inferno, fosse dar-se pela direita ou pela esquerda. A transgressão da condição de lucidez pode ser alcançada mergulhando-se por uma ou outra via. Néstor Perlongher, em seus estudos sobre o êxtase, já observara a existência de “certa equivalência entre estados místicos atingidos mediante o uso de drogas e aqueles aos quais se chega através da meditação e da oração.”

Apesar desta equivalência, a embriaguez do vinho provoca contenda, a do Espírito trás a paz. Isso porque, tendo em conta que o homem é criatura divina, a embriaguez do Espírito Santo é a maior das verdades, seria mesmo uma espécie de hiper-verdade, se pensarmos nas revelações, nas predições do futuro e no reencontro que possibilita com o nosso “verdadeiro eu”: o Espírito de Deus que é nosso “sopro de vida”. A outra é uma mentira, que o “diabo é pai da mentira” (João 8:44); representa um estado de consciência falso, artificial ou até uma “ausência de consciência”, tal é o entendimento dos provetaenses. É o que se depreende da passagem Bíblica de Provérbios que Tamira, a jovem filha de Irmã Marilene, numa das tardes em que nós duas estudávamos a Bíblia sob sua orientação, recomendou-me que discutisse com as pessoas, quando lhe pedi sugestão sobre leituras bíblicas para as entrevistas:

“Para quem são os ais? Para quem os pesares? Para quem as pelejas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem causa? E para quem os olhos vermelhos? Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando vinho misturado. Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoar suavemente. No fim, picará como a cobra, e como o basilisco morderá. Os teus olhos olharão para as mulheres estranhas, e o teu coração falará perversidades. E serás como o que se deita no meio do mar, e como o que jaz no topo do mastro. E dirás: Espancaram-me e não me doeu; bateram-me e nem senti; quando despertarei? Aí então beberei outra vez.”

Tamira comenta comigo como ela acha “forte esta imagem de dormir no meio do mar ou jazer no topo do mastro”. A imagem parece lhe remeter a um auto-abandono

danoso, uma espécie de ausência de si, um certo vazio espiritual do corpo. Trata-se de falta absoluta de auto-controle, de controle do corpo pelo espírito. Impossível ignorar a semelhança entre a impressão que a imagem bíblica em questão causa em Tamira e a fala de Lúcia; “moça quietinha da Igreja levanta, fala, sobe no púlpito, pula, cai no chão, que não se agüenta com o poder.” O transe da manifestação do Espírito Santo também significa uma perda de controle, mas ao contrário do primeiro caso, esta perda acontece por conta de um abandono do corpo ao Espírito.

Nete: Tem irmãos na igreja que... é tão forte, tão forte que irmãos tímidos... ó: Greicinho. Greicinho aqui; o namorado da Isabela. Um rapazinho; o Greicinho, sabe quem é?

Natânia: Não.

Nete: Ele é tímido. É muito tímido. Na festa agora... eu ri. Eu ri! Eu olhei tá o Greicinho lá em cima. Com as mãos batendo pra cima. E ele é tão tímido! Você acha que ele mesmo, dele mesmo ele faria isso? Um rapaz?

Rosa: Não faria.

Nete: Não faria. Não faria. Tem irmãos da igreja que você... é tímido. A minha mãe... aquele corpo enorme! Minha mãe é bem forte, né? Uma vez desceu um fogo tão grande na minha mãe que a minha mãe rodava assim na igreja, ninguém segura a minha mãe.

Rosa: rs!

Nete: Dava pena da minha mãe. Minha mãe levou uma surra aquele dia porque ela é muito forte, né? Aí lá ia ela. Ninguém segurava não. Os irmãos tavam assim... querendo segurar mas quem disse que seguravam? Você acha que a minha mãe por si, do jeito que ela é forte, você acha que ela ia querer fazer isso tudo na igreja? Não ia! Jamais ela faria aquilo na igreja! Foi uma coisa que ela perdeu a consciência e foi, foi, um poder muito grande, um poder muito grande, quando ela se assustou, ela tava sentada lá no chão. As irmãs segurando a saia dela... por que você fica... é sobrenatural. É uma coisa que não... uns desmaiam; não agüentam. Desmaiam mesmo! Caem com todo o corpo assim no chão.

Natânia: Será que morre alguém?

Rosa e Nete: Não!

Rosa: Não se machucam...

Nete: No outro dia ficam roucos pra caramba. Rouco, rouco... é... tem uns que não agüentam. Eu não. Eu falo assim: eu não vou. Eu vou ficar vendo? É porque outro dia eu escutei na praça: “você viu fulano de tal? Olha! Recebeu uma carga!”

(...)

Eu me lembro que eu recebi uma carga dessa que eu não sei... as meninas falaram que eu fiquei voando dentro da igreja. rs! Eu falei: nunca mais! Eu vou me agüentar aqui no banco.

Rosa: Mas não é assim...

Nete: Não é... rs! Não tem como! Aí as meninas falaram —eu era até da mocidade—

Rosa: ...“eu vou pagar esse mico? Eu não!”

Nete: “Nossa! Mas você pagou um mico muito grande! Tava quase voando dentro da igreja!” Tipo assim: “voando” sabe? Porque, gente! É muito forte! Uns não se controlam...

Natânia: Mas aí você lembra?

Nete: Não. Eu não lembro!

Natânia: Você apaga completamente?

Nete: Eu não lembro. Eu sei que as meninas falaram assim: “você saiu voando na igreja” Eu não sei. Eu sei que quando eu me lembrei eu tava lá jogada no canto lá. Aí eu falei: “o que? Nunca mais! Eu vou...”

Natânia: Eu ia ficar com medo, cara!

Nete: Não, não tem como você ficar com medo.

Rosa: Não! Você não tem medo.

O Espírito Santo se manifesta fazendo com que as pessoas “não se lembrem” ou não tenham consciência do que fazem. Porque “o poder é muito forte”, tanto que faz com que façam coisas que não querem, ou que não poderiam, ou que não fariam em seu “estado normal”; “por si mesmas”. Os evangélicos, com seu padrão de conduta caracteristicamente marcado por um recato dos modos, da aparência e do uso do corpo, manifestam publicamente, apesar de toda a solenidade do momento do culto, performances extraordinárias, marcadas por gestos extraordinários, espalhafatos que não fariam se tivessem o controle de seus corpos, conforme a própria igreja orienta que seja. O ritual de manifestação do Espírito Santo, neste sentido, se trata de um ritual de inversão.

E quanto ao êxtase festivo dos não crentes e desviados da igreja, voltemos a Perlongher, que diferencia a “experimentação selvagem” das drogas de seu uso ritual. O ritual fornece um caminho interpretativo das sensações corporais provocadas pelo alucinógeno e assim, fornece os “conteúdos” da alucinação, propriamente ditos.

“Salienta aqui uma diferença importante entre o uso ritualizado de plantas de poder e o uso “marginal” contemporâneo: enquanto o primeiro reafirma os valores culturais, o segundo opera como uma linha de fuga e de ruptura que os desafia. (...) Como conclusão provisória, vemos que a droga pode induzir o EMC [Estado Modificado de Consciência], mas não determina o caráter nem a qualidade da experiência”¹⁵

¹⁵ Perlongher, apropria-se da leitura que Lapassade faz de I. Sow.

Aplicando estas idéias ao nosso campo, onde há uma cultura evangélica estabelecida, e utilizando sua perspectiva de ritual, temos que o êxtase do Espírito Santo manifestado na igreja reafirma os valores culturais locais. Ainda que haja a concepção de que o Espírito Santo manifestado representa uma ruptura com o mundo, é certo também (e esta era uma idéia fundamental ao tecido do capítulo anterior) que representa uma realização ritual da identidade local. Porque, como indiquei na apresentação do campo, em Provetá, ao longo do processo de enraizamento da fé evangélica, cultivou-se uma ruptura simbólica com o mundo, aquela mesma prezada pelos pentecostais e tematizada/ construída na inversão que a manifestação do Espírito de Deus opera.

O uso “selvagem” de drogas pelos jovens desviados guarda, por seu turno, uma dimensão de ruptura e desafio, embora os “conteúdos da experiência” de sua “experimentação selvagem” devam ser fatalmente preenchidos (ainda que de maneira frouxa uma vez que não haja um ritual que lhes informe os sentidos) por sua fé pentecostal. Os desviados sabem que são para eles os ais, para eles as pelejas, para eles as queixas, as feridas sem causa, os olhos vermelhos. E assim, a concepção pentecostal que lhes alimenta, dirá que o uso de drogas imerge a pessoa no mundo, ao contrário do Espírito Santo, que a tira do mundo para uma vida de santidade. Entende-se que na oposição corpo/espírito, as drogas operam fazendo “fruir” o corpo e as suas sensações através de um abandono da “vida no Espírito”. Assim é que os desviados se aproximam do Diabo quando usam drogas, porque se afastam de Deus. Então sempre há culpa no seu consumo de drogas, por conta desta sua firme convicção de que estão pecando. Como mostra a conversa que gravei numa ocasião em que se consumia maconha:

Natânia: E vocês acham que fumar um é uma parada do Diabo?

Teleco: Porra! Tá louco!

Magnum: Não...

Teleco: Não é do Diabo, mas tá contra a lei do Senhor.

Natânia: Tá contra a lei do Senhor? Tá?

Teleco: Segundo a nossa religião, tá.

Natânia: Mas tem na Bíblia essa parada?

Teleco: Não tem, mas é uma coisa do mundo...

Natânia: Porque é uma coisa do mundo?

Magnum: Caraca, mané!

Teleco: Porque é cara, rola várias paradas, mané... rola tráfico por trás disso; é errado...

Natânia: Se você plantasse a sua maconha? Se você plantasse?

Teleco: Se você tá contra a lei dos homens, você já tá errado porque na Bíblia fala para você não ir contra a lei do ser humano. Então é uma lei do ser humano. É crime. É tráfico. Você tá errado. Agora, você pegar uma onda não é errado. Que mal você tá fazendo? Você tá ali. Pô...

Magnum: Não, mas pô Teleco. É uma parada louca, sim, cara. Sabe porque não pode fumar maconha?

Natânia: Porque?

Teleco: Maconha é errado, cara.

Natânia: Porque, cara? É errado, cara?... É uma planta; você pega... e você fuma. É igual... você tá fazendo uma coisa pelo seu corpo... É carnal? É. Mas quando você come você também tá alimentando seu corpo, quando você bebe água é uma coisa que você tá fazendo pro corpo, qual o mal que tem? O tráfico... tudo bem...

Magnum: Mas vício é outra coisa

Natânia: Ah! Cara...

Magnum: “Os viciados não entrarão no reino dos céus”.

Natânia: Mas maconha não vicia. Já saiu no jornal isso.

(...)

Teleco: Vou falar pra você que pra você adorar Jesus você não precisa se drogar, não, cara. Você adora a Deus do jeito que você é. Tu acha que Abraão... Ló... esses caras aí... Noé... Davi... ih! Esses caras todos da Bíblia aí... fumavam bagulho, bebiam pra entrar em contato com o Senhor?

Tanto o êxtase festivo do carnaval, marcado pelo uso de drogas, quanto o êxtase religioso da manifestação divina proporcionam prazer. Mas o “contato com o Senhor”, além de “verdadeiro”, por ser alcançado “naturalmente”, “do jeito que você é”, tem a vantagem de se perpetuar. De alguma forma este prazer se prolonga, para além do clímax do culto, ou do memento da manifestação propriamente dita. Foi por isso, que o Pastor Manuelzinho, pai de Magnum, me falou na mesa do café da tarde na quarta-feira de cinzas, ao me ver desanimada: “ta vendo? Essa é a diferença entre mim e você. Nestes dias de festa estávamos os dois felizes, mas aí, quando acaba, você fica triste e eu continuo feliz”. Ou conforme Nete:

Nete: Você só sente uma alegria, um...

Natânia: Você sente uma coisa boa?

Rosa: É uma satisfação que você sente. Entendeu? Uma coisa que não tem como explicar. Só quem tá, só quem sente é que sabe dizer da alegria que tá sentindo. É uma coisa muito... uma coisa sobrenatural. Depois que... só que é

uma coisa boa. Tipo assim: é... —não se compara— mas é como se fosse um... vou dar um exemplo assim melhor pra você... você tá ali... é... no mundo; vamos supor: usando drogas. Aí você sente uma coisa... depois que passou o efeito da droga você vai ver que fez um monte de coisa errada. Ou você lembra?

Natânia: Não.

Nete: Alguns você lembra... mas sabe que fez. Mas era tipo assim... uma coisa estranha, uma coisa... só que o Espírito Santo é uma coisa boa. Você sente. Você não tem medo. Você não pára. Quando você tá você fica com a mente perfeitamente vazia, a mente boa. Você fica com uma alegria pro dia todo. Você tá pronta pra tudo o dia todo. Pronta pro que der e vier, entendeu? Você sente que Ele tá contigo. Você caminha... você faz o que for. Nada te derruba. É assim, entendeu? Essa é a diferença.

Aí no mundo tem várias coisas de... várias manifestações de prazer na hora lá, né? Que são coisas passageiras e que depois você até se arrepende, né? Que o Espírito Santo é muita diferença porque o Espírito Santo você sente também uma coisa só que é uma coisa boa, uma coisa real. Não é que você se arrepende: “Ah! Eu me arrependi. Ah! Antes que eu não corresse na igreja!” Não é! Não correu! Você não sentiu. Entendeu? (...)porque os jovens, né? Eles querem é... conhecer coisas novas. E quanto a coisas novas, pra eles... aí tomam ecstasy e querem... “cai pra lá... cai pra cá...” Aquilo ali parece que é tão bom pra eles... mas é tudo passageiro. Quando acaba ficam numa profunda depressão... ficam lá acabados... se arrependem do que fizeram... não é? mas tem que conhecer essa real aqui que é o Espírito Santo, que você sente uma coisa que... e depois você continua ainda. Aí eu passo pra você, transmito essa alegria pra você... entendeu? Perto de mim você não fica triste. Entendeu? Se eu recebo uma carga dessas no outro dia nada me derruba. Mas é constante. Eu tô falando assim: esse Espírito Santo é constante na nossa vida, né? Eu tô falando das línguas estranhas em si. Você sente uma coisa muito... sobrenatural. Uma coisa que não tem... acho que nem...

Do poder do Espírito não se tem medo, apesar da falta controle do próprio corpo, não há como se machucar, ele traz uma alegria continuada, natural, real e o constrangimento que a espontaneidade do gestual que o caracteriza poderia causar é dirimido por um sentimento de bem estar maior e pela consciência de que não se tinha controle do corpo por um motivo louvável. A manifestação do Espírito Santo é uma fonte moral inequivocamente boa¹⁶, assim como a Bíblia. Não é que o constrangimento inexistia, mas ele é justificado, por assim dizer e por este motivo, há estratégias para diminuir o desconforto daqueles rapazes e moças tímidos que correm, pulam, giram e batem palmas dentro da igreja. Como Nete apontara, uma destas estratégias pode ser não ficar observando

¹⁶ A expressão é de Charles Taylor, em *As Fontes do Self*.

a performance de quem está “no poder” e não alimentar a rede de fofocas em torno desses eventos.

Gostaria de terminar este capítulo com uma complexificação do papel que atribuí ao vinho, proposta por dois amigos desviados da igreja:

Magnum: O vinho na Bíblia significa alegria, sabe qual é?

Natânia: Ah é?

Teleco: É, pô se você quer ser feliz... quer ficar alegre, toma um porre de vinho que você ri muito.

Magnum: Do lado do mal vai ficar alegre pra caramba. Vai ou não vai?

Teleco: Vai ficar alegre.

Magnum: Mas e do vinho em que não há contenda você sabe qual é?

Teleco: Agora se tu beber um vinhozinho sem álcool, você não vai ficar chapadão, chapadão. Tu vai beber o vinho e vai ficar legal, de boa, você não vai se sentir mal, não vai...

Magnum: Vinho em que há contenda é isso aí mesmo; essa parada que rola aí; álcool... essas paradas...

Teleco: Rola tudo, mané; bebida forte... isso é bebida forte, que não pode beber. Tu acha que o vinho que Jesus fez transformar lá a água em vinho lá naquela festa...

Magnum: No casamento.

Teleco: ...no primeiro milagre dele, que transformou a água em vinho, tu acha que o vinho Dele tinha álcool? Era um vinho puro, mané.

Magnum: Vinho da alegria

Teleco: Um vinho que o dono da festa bebeu e falou que nunca bebeu um vinho daquele. Falou: “pô.. esse vinho é diferente, o primeiro vinho que tava rolando aí...” rs...

Magnum: “Era palha pura!¹⁷”

Teleco: “Era palha pura!”

Natânia: rs!

Magnum: “Esse é diferente.”

Teleco: “...Esse aqui que é o vinho. Tem um gosto diferente... então, é o vinho bom!”

Magnum: Jesus transformou água em vinho.

Os rapazes sugerem uma leitura bíblica em que o vinho também pode representar alegria. Mas “o vinho em que não há contenda”. Teleco e Magnum lêem o versículo 13 do quinto capítulo de Efésios sem a primeira vírgula, perdendo assim o sentido apositivo da expressão “em que há contenda”: “Não vos embriagueis com vinho

¹⁷ “palha” era uma palavra usada originalmente pelos desviados para se referir à maconha de má qualidade; ressecada. Ultimamente eles têm usado a gíria para tudo quanto acham ruim.

em que há contenda”, origina-se assim uma classe de vinho sem contenda. Os rapazes evocam o episódio bíblico do primeiro milagre de Jesus. O vinho que era produto do milagre de Jesus, por exemplo, não poderia ser aquele mesmo de que Tamira falava, que picaria como a cobra e morderia como basilisco, que os fariam olhar para mulheres estranhas e que faria seus corações falarem perversidades e os deixaria como que à deriva. Haveria o vinho puro, o “vinhozinho sem álcool”, que se você beber “você não vai ficar chapadão, chapadão. Tu vai beber o vinho e vai ficar legal, de boa, você não vai se sentir mal”.

O prazer provocado pelo êxtase divino; pelas manifestações do Espírito Santo ou pelo contato com Deus, é puro como o vinho do milagre. Você só sente alegria, uma alegria contínua. “Você não vai se sentir mal”.

V

O Diabo e Seus Prazeres

Eis o mito bíblico do Diabo, descrito no livro de Ezequiel:

“Assim diz o Senhor Deus: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afoqueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afoqueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá.”

Este ser maravilhoso, de cujo corpo, feito de pedras preciosas e ouro, emanava música, era o maestro da orquestra de Deus, conforme Lúcia contou-me. Era seu querubim favorito, até que disso se envaideceu e quis ser maior ou igual a Deus. Mas “Deus não divide a Sua glória com ninguém” e o expulsa do céu por isso: o pobre Diabo terá seu lugar na criação divina irremediavelmente caracterizado pela falta, pelo não ser Deus, por conta da intenção que tivera de sê-lo. “O Diabo tenta imitar tudo o que Deus faz”; “o Diabo é o pai da mentira”. Ele será o espírito da negação, o seu intuito —desgraçadamente fadado ao fracasso— será o de não deixar que se cumpram as boas obras divinas.

Lúcifer caiu na Terra, e com ele caiu um terço dos anjos, que quiseram segui-lo. “Tornaram-se em grande espanto”, conforme a maldição de Deus. Sim, Deus amaldiçoa. O Deus da bondade possui uma face severa e punitiva, tal como é descrito no Velho Testamento, o Deus Pai: Ele amaldiçoa, lança pragas, mata, fulmina; é digno de medo, é intolerante com o menor pecado humano. A Bíblia conta que quando Deus quisera que a

“arca da aliança” (arca que representava Sua presença entre os homens) fosse transportada à outro lugar, incumbiu Davi de levá-la à pé, e Davi a transportar num carro de bois. Numa sinuosidade do caminho a arca escorrega e um dos criados a apara com as mãos. Deus, já irado com a desobediência de Davi, fulmina o criado na hora, que a arca não podia ser tocada. “Deus é extremamente detalhista”, como resumiu Lúcia. Da mesma maneira castigou Moisés quando ordenara que falasse à pedra para que dela jorrasse a água que saciaria a sede de seu povo, e Moisés, em vez de tocar, bateu nela com seu cajado. Ele foi desgraçado a não chegar à terra prometida, a morrer sem conhecer a terra para a qual conduzia, há quarenta anos, o povo através do deserto. Há inúmeros outros exemplos de desobediências que poderiam parecer tolas para merecerem maldições ou castigos de tão grandes proporções. Pensemos no pecado original. Todos nós fomos amaldiçoados eternamente com Adão e Eva.

“E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás.”

É no espaço aberto pelas maldições de Deus que o Diabo ganha profundidade, embora não deixe de encarnar o mal absoluto. Para quem vive em desobediência a Deus e, informado pela Bíblia, tem consciência do mal que isso pode lhe trazer, para quem entristece o Espírito Santo e abre a guarda para as investidas do Diabo, para quem vive suas tentações, como é o caso dos desviados da igreja de Provetá, não há como não operar uma certa relativização do mal, uma vez que o bem é temido pela certeza da justiça divina, e o mal é visto, acima de tudo, como fonte de prazer, ainda que se reconheça ser um prazer danoso.

“Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil a airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele

nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...”

O Diabo que conheci em campo, como o do conto machadiano, era gentil e airoso, qualidades necessárias para convidar os homens ao pecado, para arrebanhá-los “em sua igreja”. O Diabo pode ser muito sedutor, como os evangélicos alertam.

Mas seja qual for o Diabo que se pinte, uma coisa é certa: seu grande intuito é incitar os seres humanos a pecar. Duas explicações dadas em entrevistas falavam sobre seus motivos para isso: a disposição própria do Diabo para prejudicar os outros (segundo Lúcia o Diabo será trancado no inferno “e ele não quer ficar lá sozinho, vai querer levar os outros com ele”) e sua necessidade do veículo humano para fazer o mal. Segundo Rosa:

“Porque existe um Deus e existe o Diabo. Existe Deus e existe o Diabo. Porque ele procura nos destruir? Porque nós somos criaturas de Deus. A gente vê, a gente fala... e ele não. Ele é um ser sem... ele pra poder se manifestar, ele faz o que? Se manifesta no corpo de uma pessoa pra poder estar falando... e fazendo as bagunças dele.”

O Diabo precisa dos sentidos humanos. Ele seduz através dos sentidos. Diferente de Deus o Diabo não pode abdicar de uma materialidade. Dentro da oposição corpo/espírito que os pentecostais estabelecem, a carne é o canal de comunicação entre homens e o Diabo: pelo paladar, pelo toque, pelo cheiro, pela visão e pela audição o Demônio se manifesta fazendo-nos beber “bebida misturada”, fumar maconha, cheirar cocaína, ouvir funks proibidos, praticar a “fornicação”. Para os desviados da igreja, estas são formas típicas de diversão.

Deve ser pela importância das drogas, pilar fundamental do lazer destes rapazes que Léo era o homem mais famoso nas suas conversas nos dias de carnaval. Foi num bar que o conheci; no bar do Bicão localizado numa área da vila sugestivamente apelidada de “Canto Brabo”. A dona do bar, Salete, era tia de sua mulher. O “Léo Patrão” era o chefe do tráfico de drogas no Morro do Perez, em Angra dos Reis. Léo era “de fora”, não era um “filho do lugar”, portanto, era mesmo um traficante, assim reconhecido por todos (nem por isso pouco admirado por alguns).

Mas Léo não estava fora daquela tônica de “camaradagem” que permeava o circuito local das drogas. Ele distribuía muita cocaína de graça para os rapazes provetaenses conhecidos seus, bem como vinho e cervejas. É claro que além de camaradagem, neste seu gesto havia um tom de esbanjamento que colaborava para manter seu prestígio, sua imagem de “homem poderoso”. Era do Comando Vermelho, facção com a qual os jovens desviados de Provetá reivindicam identidade porque “o Comando nasceu na Ilha”¹⁸.

Merece nota que o conhecimento histórico que alguns rapazes desviados tinham da formação da facção —de que o crime incorporou técnicas de guerrilha quando, na época da ditadura militar, foram misturados no presídio de Dois Rios presos comuns e presos políticos, de orientação comunista; donde o nome “Comando Vermelho”— contrastava com a explicação que Guga, o “braço direito”¹⁹ de Léo, dava para a cor que representava a facção. Guga me dissera que “o Comando é vermelho porque no presídio de Dois Rios era muito sangue, muito sangue; era tanto sangue que o sangue era puxado das celas a rodo”.

O repertório das conversas dos traficantes era cheio destas imagens chocantes de violência, muitas protagonizadas por eles próprios. Era uma forma de impressionar, de mostrar bravura e valentia. A narração da prática de violência e/ou seu enaltecimento lhes dava poder, um poder que seria oposto ao do Espírito Santo, mas que era igualmente efetivo, que da mesma maneira lhes conferia prestígio e autoridade, ainda que apenas entre os desviados. E, embora a violência como valor seja o avesso da moral cristã, todos os homens do “bonde do Léo” criam na verdade evangélica, fato que alimentava e era alimentado por uma auto-identificação dos bandidos com o universo diabólico.

A distribuição de drogas colocava a figura de Léo quase que emparelhada com a do Diabo. Se os Pastores na igreja ministravam as bênçãos e os dons do Espírito Santo através de profecias e pregações, Léo era o grande mestre daquele êxtase diabólico para o qual o carnaval abria as portas da vila. A impressão que tive de Léo está registrada em meu diário de campo:

¹⁸ Numa conversa que tive com Teleco, ele me contava que tinha lido um livro sobre a fundação da facção no presídio de Dois Rios e que ouvira dizer que Escadinha, um dos seus fundadores, ao sair da cadeia, passara por Provetá só para assistir um culto na Assembléia. Ele salientava o vínculo do bandido com o evangelismo e ressaltava suas qualidades de homem inteligente, perspicaz e poderoso.

¹⁹ Guga era “frente” do morro do Perez ou, como também se costuma dizer; “braço direito do patrão”, seu representante imediato, incumbido de fiscalizar os rendimentos das bocas de fumo da favela e de passar as ordens do “dono do morro” para os demais traficantes.

“Léo está mesmo bem consoante a uma certa imagem clássica do Diabo: um homem “bem apessoado”; bonito (negro, alto, forte), simpático, gentil, poderoso; virtudes que escamoteiam uma “malignidade” que é referência maior para sua identidade: a relação com o ilícito, o imoral, o proibido.”

Ele foi surgindo diante de minha atenção aos poucos. Veio primeiro o nome sem a pessoa, saltando das conversas provetaenses que envolviam cocaína. Veio depois a pessoa sem o nome —passamos um dia inteiro juntos num pequeno churrasco na casa de Salete; eu ignorava a identidade de minha ilustre companhia. Ele era estrategicamente camuflado: na roda em que bebíamos nós dois, sua esposa e parentes e outros bandidos seus subalternos era comum brincarem de se perguntar uns aos outros de repente: “Léo? Quem é Léo? Você conhece algum Léo? Eu não conheço.” Só à noite, quando nos vimos em outro bar, casaram-se nome e pessoa, quando Teleco, visivelmente envergonhado pela minha gafe de perguntar-lhe se “não seria ele o marido da Vivi, que estava no churrasco mais cedo”, adiantou-se em apresentar: “É ele que é o Léo!”

Um grupo de rapazes desviados o procurava sempre depois dos forrós e luais; queriam estar perto dele. Léo os tratava com uma certa majestade; dava ordens, fornecia cocaína para o consumo coletivo e individual e ainda manipulava este dispositivo como um meio de controlar as presenças no grupo. Poderia usar tal artimanha, por exemplo, para cantar uma mulher que estivesse com seu namorado; fazia-o retirar-se do grupo dando-lhe um papelote de pó que era para usar sozinho: “esta aqui é só tua!”, ou “essa é só tua e dele”; apontando quem deveria usar a droga que acabava de fornecer. “O Diabo é o maior psicólogo da humanidade”, como ouvi dizer. Não se pense que os rapazes, tão sedentos por mais uma festa em que “ficariam muito loucos”, para engordar seu repertório de histórias, titubeavam em abandonar as namoradas. Elas, que geralmente são contra o uso de drogas, se aborreciam; o casal se desentendia; com os homens zangados, não raro velhas rinchas entre conhecidos afloravam em pancadarias. Em todas as madrugadas de carnaval, em algum dos três bares da praia, Provetá teria sua paz rotineira corrompida por desentendimentos que culminaram com violência física. As drogas e bebidas alcoólicas estavam mesmo sempre presentes nas situações mais graves de conflito.

Como Sandrinha conta:

“Por que isso aí; eu já tinha brigado com ele mais cedo por causa desse negócio de droga. Aí chegou de noite ele resolveu ir pro bar. Falou: ‘ah, amor. Eu vou ali no bar beber uma cerveja’. Eu disse: ‘não, vai. Não vai.’ E ele não me escutou e foi. Aí, chegou lá e brigou. Disse que o cara foi engrossar com o Sandro, ele se meteu, o cara empurrou ele com a sombrinha e ele deu um soco no cara. Aí ele veio pra casa os caras estavam todos lá no Cafundó com faca pra ele, pedaço de pau enrolado com arame farpado... entendeu? E iam pegar ele na covardia. Aí você vai me dizer que aí não tem maldade?.. Claro que tem! Entende? Aí, qual a explicação espiritual que nós podemos dar pra isso daí? Foi o Diabo, entendeu? Que tava tentando ele, tentando ele e armou como que se fosse uma cilada”

Esta “interpretação espiritual” da briga entende que fora o Diabo quem convidara Cabeludo para o ambiente do bar, que se manifestara na e pela via aberta pelo consumo de álcool, que fizera Cabeludo envolver-se numa briga perigosa. “O Diabo veio ao mundo para matar, roubar e destruir”, dizem a Bíblia e os evangélicos. É por isso que ao Diabo costuma se atribuir a causa dos infortúnios, como argumenta André Bakker em sua dissertação de mestrado.

Mas se levarmos em conta aquela certa relativização do mal de que tratamos, quando o bem é temido e o mal é visto como fonte de prazer²⁰, saberemos que a causa de certos males no mundo, poderá ser atribuída a Deus ou ao Diabo, como Lúcia coloca:

Lúcia: (...) Agora, essa questão da sementeira tem muito crente que passa por dificuldade porque? Porque ele... é... ele plantou! Você soube que dois barcos foram apreendidos porque estavam pescando na área da reserva. Um deles foi o Manuelzinho. Você soube disso, né? O Manuelzinho vai responder processo por crime ambiental.

Natânia: Foi porque tava pescando na área da reserva?

Lúcia: É. E todo mundo tá sabendo, não adianta dizer que ninguém sabe: daqui da ponta dos Meros até a ponta do Lopes Mendes não pode entrar barco pesqueiro, entendeu? E eles avisaram, o pessoal do Ibama teve aí, fez reunião... e teve um outro barco também. O que aconteceu? Foram presos literalmente. Foram presos. A rede foi presa... e aí vão a julgamento. Quem que tá errado? O homem do Ibama que prendeu ou o barco que tava pescando em lugar ilegal? Quem tá errado? Responde pra mim!

Natânia: O barco que tava pescando em área ilegal.

Lúcia: Pois é! Mas eles dizem que o barco, que o homem do Ibama é maligno!

Natânia: Eles dizem?

²⁰ Cecília Maríz comenta em seu artigo que compõe a coletânea “O mal à brasileira” que ao Diabo, não raro se atribui o sucesso de pessoas famosas, o que também aparece muito nos discursos dos crentes provetaenses.

Lúcia: Ora veja só, Natânia! Eu errei. Não é muito mais fácil: “gente, ora por mim porque eu errei. Eu pensei que isso não fosse sério... mas realmente eles tão fiscalizando... eu errei! E agora vou ter que responder processo, mas Deus vai me ajudar”, certo? Não! “Vamos orar pra Jesus repreender esses homens malignos”. Ora veja só! “Você errou! Tá pagando pelo que você fez de errado”, certo? Existe lei no nosso país. E as pessoas não entendem isso. As pessoas aprontam, elas fazem coisa errada deliberadamente, que elas sabem que é errado. “Não, mas eu sou crente. Deus tá comigo”. “Deus tá com você naquilo que é certo. Naquilo que você tá fazendo de errado, Ele pode até te ajudar a você se safar, mas por misericórdia, porque Deus não tá concordando”. Entendeu? Qualquer pessoa, crente ou não crente, que fizer coisa errada, vai colher lá na frente. Entendeu?

Dias depois, uma prima de Manuelzinho chamada Rita lhe falava sobre isso e ele, embora reconhecesse a força do argumento bíblico, brincando com a “intimidade” que tinha com Deus, confessava uma outra perspectiva do mal, ou dava-lhe outro lugar:

Natânia: Eu não concordo muito com isso [que a Bíblia postula que devemos ser submissos às autoridades] .

Rita: É, mas é o que tá escrito, entendeu? E ainda que maus. Mas aí diz... logo depois fala da questão de você tá orando por eles, entendeu?

Manuelzinho: Mas aí que tá o segredo.

Rita: Porque toda a autoridade é constituída por Deus. Toda.

Irmã Marilene: 13 Romanos. Toda. São ministras de Deus —fala.

Natânia: Até as más autoridades?

Rita: Até as más.

Irmã Marilene: Até as más; a Bíblia fala. Está no livro de Romanos; você lê depois.

(...)

Rita: Um ano e meio, Manuelzinho! Rodei, rodei, rodei, rodei... foi só com o mover da oração, entendeu?

Manuelzinho: Depois da oração Jesus vai atrás de todos eles, não vai ficar um!

(Todos riem)

Manuelzinho: “Quê que tá orando aí, meu filho?”

Rita: Mas às vezes, Manuelzinho, você vai ter um tempo em casa. Não é um tempo que você vá... Deus tá levantando você, entendeu?

Manuelzinho: Não; tô entendendo.

Rita: Na tua missão, você é um sacerdote, você tem o cargo de Pastor, né? Uma coisa tão elevada.

Manuelzinho: Eu tô entendendo. Eu entendo toda a situação.

Rita: Você tá tendo tempo para isso? Pra se dedicar às coisas de Deus, de orar e coisa?.. De repente é através desse teu movimento que você vai ter esse tempo de você poder tá à frente também com as Irmãs no trabalho de oração. Entendeu Manuelzinho?

Manuelzinho: Não; eu concordo, eu concordo. Só que você vê, realmente... é pela maldade.

Irmã Marilene: Perseguição.

Manuelzinho: E isso é uma perseguição.

Rita: É maldade. É errado. Desde que o mundo é mundo, cara. Desde que o mundo é mundo tá isso aí. Não é? Lá... os cobradores de impostos, sempre ali... (...)

Manuelzinho: É que na verdade a nossa classe, a nossa classe pesqueira. É... as outras classes, no caso, conseguem até segurar porque... mas o pescador... ele não vai sair e já dizer que vai ganhar, que ele já tá ganhando. Tá todo mundo sem ganhar nada. Ninguém sabe se você vai sair e vai ganhar. Você vai trabalhar incerto, entendeu? Se você conseguir tu ganha... se não, não ganha. Então... se você tivesse um ganho já certo; você... “não eu não vou mas vai aparecer o dinheiro...” ou enquanto vai não vai... tem um.... o pescador não tem de onde tirar: o problema é esse. O pescador fica três, quatro meses... —eu não. Ainda tenho uma estabilidadezinha, mas os menores... já começa a passar necessidade.

Rita: Manuelzinho; então Deus te levantou pra isso. Vamos na oração, vamos na Palavra: “O senhor é meu Pastor, nada me faltará” “Nunca vi o justo mendigar o pão” Começar você intercedendo por essa gente...

(...) É sim. Tem hora que é pra parar. É pra parar. Entendeu, Manuelzinho?

Manuelzinho: Ah! Mas sobre isso eu tô tranqüilo. Isso aí... tô entendendo essa situação.

Rita: Você tá tranqüilo, mas de repente o que tá movendo, né? Satanás bota a circunstância, não é? Pô olha aí ó! “Olha só! Olha só! Olha só! Olha só... tá chegando as contas, o telefone desligou... tu tá... ih!... Tá estreito, heim...” É assim que ele vai botar! Vai botar!

“Satanás bota a circunstância”, como também Sandrinha diria em relação à briga em que seu marido se envolvera. Cecília Maríz discute essa imagem pessoalizada do Diabo pentecostal, para ela, esta imagem está relacionada a uma desresponsabilização parcial²¹ do sujeito por suas ações: é o Diabo quem está por trás dos pecados dos homens, mas o sujeito não está isento de reconhecer sua influência e buscar desvencilha-se dela. Abordaríamos aqui talvez um outro ângulo de uma desresponsabilização: quando o sujeito não reconhece sua ação como “pecado” vem à tona a questão da prova, mencionada por Lúcia. A prova é o infortúnio que não se origina do espaço aberto pelo pecado humano.

²¹ De fato, entre as influências de Deus e do Diabo está a consciência humana, mas ela, de alguma maneira permanece sempre ativa, concomitantemente à potência que lhe inspire. Aqui temos uma relativa inversão da ontologia leibniziana: o homem é livre para querer o que quer, embora não seja sempre livre para querer.

Uma das histórias que os provetaenses queriam me contar era a história de Jó, a despeito das que eu perguntava nas entrevistas. Uma explicação qualquer que as passagens discutidas merecessem, sempre fazia lembrar a história de Jó.

O Diabo, vindo de rodear a Terra, apresenta-se diante do trono de Deus e Ele lhe pergunta: “Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal”. E Satanás começa a tentar o próprio Deus, dizendo-lhe que Jó só lhe era fiel porque tinha uma vida próspera. “Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face.” E Deus permite que Satanás toque em todos os seus bens e em sua família “somente contra ele não estendas a tua mão”. E os bois e jumentas de Jó são saquiado, os servos que vigiavam são mortos. Suas ovelhas e os outros servos que as guardavam são consumidos por um fogo que caíra do céu. O homem que lhe traz a notícia diz que fora o “o fogo de Deus”.

Também os filhos e filhas de Jó lhe são tirados, mortos num desabamento por conta de uma ventania. “Então Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou. E disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor”.

“E disse o Senhor a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal, e que ainda retém a sua sinceridade, havendo-me tu incitado contra ele, para o consumir sem causa. Então Satanás respondeu ao Senhor, e disse: Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Porém estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos, e na carne, e verás se não blasfema contra ti na tua face! E disse o Senhor a Satanás: Eis que ele está na tua mão; porém guarda a sua vida. Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu a Jó de úlceras malignas, desde a planta do pé até ao alto da cabeça. E Jó tomou um caco para se raspar com ele; e estava assentado no meio da cinza. Então sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus, e morre. Porém ele lhe disse: Como fala qualquer doida, falas tu; receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios.”

Jó se conformava em receber “o mal de Deus”, por isso Deus o julgava um servo fiel, “que se desvia do mal”. O empregado que leva à Jó as primeiras notícias de desgraça julga que o fogo que consumira as ovelhas fora “o fogo de Deus”, embora o Diabo quem os provocasse, com o consentimento de Deus.

Assim vê-se que a origem dos acontecimentos, sejam eles bons ou ruins, é incerta.

Lúcia: Nesse caso de Jó foi provação porque Jó era inocente. Agora, se eu tô passando alguma coisa por causa do meu erro, isso não é prova, né, Natânia?

Natânia: É colheita.

Lúcia: Eu plantei; eu tenho que colher. E tem muito crente, Natânia: “Ah! Meu Deus! Ah! Minha família! Ah! Os meus filhos!” “Você educou seu filho? Você conversou com ele? Você deu carinho? Agora você não pode reclamar se ele tá na droga”. Porque que você acha, Natânia, que o teu namorado, o meu marido, porque que esses meninos dessa família passam por isso, Natânia? O pai era um doido, Natânia! Você sabe das histórias dele, né?

E sendo incerta a origem dos acontecimentos, Deus dá a alguns homens o já mencionado dom do discernimento espiritual, que ajuda a identificar se é Deus ou o Diabo quem motiva uma profecia, uma pregação, uma fala glossolalica e se um determinado fato é obra divina ou do Satanás.

É claro que, como Deus é o criador de tudo o que há, onividente, onipresente, onisciente e infinitamente poderoso, mesmo as obras do Demônio passam por seu consentimento. E por outro lado, mesmo as provas, os infortúnios não merecidos, devem ter o toque do Diabo. No fim, as artimanhas diabólicas estão integradas na ordem do cosmos e corroboram os planos divinos.

A origem dos eventos mundanos é incerta porque Deus e o Diabo possuem uma certa simetria simbólica. O homem, desde o primeiro momento bíblico do pecado está entre o bem e o mal. Quer dizer; é verdade que Deus é mais poderoso que o Diabo, que o homem é criatura divina, que apenas um terço dos anjos seguiu Satanás, que “os anjos acampam ao nosso redor e os demônios ao derredor”, que Deus instaurará o Seu reino e trancará o Diabo para sempre no inferno juntamente com os infiéis. Porque já se sabe que Deus vencerá a Guerra —não só os antropólogos concebem que vivemos uma encenação. Mas Deus e o Diabo como potências inspiradoras do homem possuem também um certo funcionamento simétrico: ainda sobre o primeiro pecado, em Gênesis, o homem se iguala a Deus quando se abre ao mal (“Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal”); compreende-se que quanto maior for o pecado, maior será a demonstração da Glória de Deus ao resgatar o pecador e, por outro lado, também dizem os evangélicos

que quanto maior for o envolvimento com Deus, maior a responsabilidade em ser fiel a Ele, como se um mesmo pecado fosse maior se praticado por um servo de Deus. O mesmo toque do Diabo causaria mais dano num “terreno cristão”.

Tendo o Diabo fracassado em incitar Jó contra Deus, ele se retira envergonhado e Deus restitui a seu servo fiel o dobro de tudo o que ele tinha antes da prova.

VI

Desviar é humano

O desvio da igreja na juventude, em Provetá, tem sido consensualmente explorado em nosso grupo de pesquisa como um ritual de passagem, vivido principalmente pelos homens. Patrícia Birman aborda o desvio como uma fase de ingresso na vida adulta em que se consolidam alguns valores masculinos como virilidade e coragem. Neste sentido, é válido considerar que a experiência de campo mostra que o desvio assumirá alguns contornos de uma revolta edipiana; uma tentativa de auto-afirmação, um clamor por independência e poder de decisão. O Demônio é a alternativa ao Pai. O desvio representa o exercício do livre arbítrio.

Ainda conforme Birman, a “ancestralidade pentecostal” vai de encontro à expectativa de ausência de mediadores religiosos e de adesão individual à religião, sobrevivência do protestantismo clássico no pentecostalismo. Neste sentido, o afastamento da igreja e de seus códigos de conduta, pelo poder de escolha em que implica, é a força motriz de um processo de amadurecimento da fé, porque compõe a individuação de uma trajetória religiosa que é herdada da família num contexto doutrinário em que se pretende uma relação imediata entre homens e Deus. A partir do desvio, a relação do crente com Deus se individualizará, por uma narrativa que será contada em testemunhos e celebrará a grandeza de Deus com o retorno do “filho pródigo”.

André Bakker trabalhou o tal caráter de passagem do desvio ao perceber que sempre que retornava a campo, encontrava novos personagens na condição de desviados, enquanto os desviados de antes haviam se reintegrado à igreja. Sua análise entende o desvio principalmente por esta ótica de um rito de passagem religioso ao indicar quatro diferentes estágios de pertencimento à igreja: principia-se como crente praticante da religião herdada dos pais, passa-se por uma fase de afastamento, caracterizada pela experiência tácita das práticas condenadas pela igreja, depois o afastamento culmina em desvio, quando não se faz mais segredo daquele “exercício ritual” dos pecados, mergulha-se neles intensamente. E, por fim, já “na posse da palavra”, retorna-se à igreja na condição de “homens que ‘estiveram lá’”, no dizer da Bakker; lá “no mundo”.

Clara Mafra chama a atenção para a densidade da relação pentecostal com a linguagem. O desvio fornecerá então algo de suma importância para os crentes: será a

escada que conduz ao cume dramático das narrativas de fé de suas vidas. O desvio é o crescente da tragédia cujo ápice é algum infortúnio de ordem divina e/ou diabólica, seguido da “reconversão”. O testemunho dos que resistirem à difícil travessia pelo turbilhão do mundo terá por isso um poder magnético sobre os desviados de então. E o desvio acaba confirmando a fé.

Com isso, para o jovem crente desviado, irrompe da segurança de uma comunidade de “irmãos” o risco da morte ou do Apocalipse durante esta fase de pecados. Porque se o jovem desviado morrer, ou se chegar o momento do Julgamento, não haverá mais como se arrepende dos pecados cometidos e aquele afastamento das coisas de Deus se prolongará pela eternidade. Na profecia que Irmã Marilene entregara a Teleco, ela considera ainda a possibilidade de um aprofundamento do desvio que mergulhe o jovem de tal forma “no mundo”, que o faça tão habituado a seus prazeres danosos, a seus vícios, que ele “não tenha mais força para voltar para a igreja”.

A aflição pelos riscos que o desvio engendra é aliviada pela exegese pré-tribulacionista do livro do Apocalipse. Acompanhemos a conversa:

Natânia: Pois é!... Se Jesus chegar agora?

Magnum: Eu não vou pro céu. Eu tô mais fudido ainda!

Natânia: rs... Então...

Teleco: Vai pra segunda morte.

Magnum: Que segunda morte, rapá?... Tem mais morte não, cara.

Teleco: A segunda morte é aqui, amigo [faz um gesto imitando um golpe de espada] cabeça pra um lado e corpo pro outro, tá ligado? É...

Natânia: É o quê?

Magnum: Guilhotina! Guilhotina!

Teleco: Segunda morte você vai ter que falar como? Se você nega ou não nega Jesus.

Natânia: Segunda morte, se você nega... segundo arrebatamento, não é? Não é isso?

Teleco: É... aí você vai...

Magnum: Segundo, não! Primeiro ainda! A primeira morte ainda. Que depois Jesus vai trancar a chave da morte, quem vai morrer mais?

(...)

Teleco: E quando a visão de João?... Que João viu que... viu um povo muito grande que não era... um povo que... sabe qual é?... Em Apocalipse tem essa... tem essa passagem no Apocalipse.

Há três correntes de entendimento da questão do arrebatamento da igreja. Uma delas defende que a igreja será arrebatada isto é, levada para o céu, antes da grande tribulação, o período de horror e sofrimento que se instaurará na Terra no fim dos tempos, que durará sete anos. Estes são os pré-tribulacionistas. Outra corrente, dos meso-tribulacionistas, diz que a igreja será arrebatada durante a tribulação. A terceira é a compreensão dos pós-tribulacionistas, para quem o arrebatamento de todos os que forem para o céu será depois da grande tribulação.

O resultado da crença no pré-tribulacionismo é o de que haverá dois arrebatamentos; um da igreja, outro para o restante do povo escolhido, conforme Teleco explicara. De acordo com esta sua concepção, encontrei na pesquisa que fiz na internet um site (www.arrebatamento.com) que se pretende um manual de sobrevivência na tribulação para os que não forem arrebatados com a igreja, mas não negarem o nome de Jesus, como será o caso de Teleco, conforme ele espera, se não retornar à igreja antes do Juízo Final. Transcrevo um trecho deste site, muito a fim ao imaginário dos meninos.

“Arrebatamento, fiquei, e agora? Ainda posso ser salvo! Ainda há salvação.

Toda a Igreja de Cristo, já foi Arrebatada (uma nova vinda de Cristo a terra, só ocorrerá 7 anos após o arrebatamento). Agora, só existe uma maneira de salvar a sua alma e também ir para a glória com Cristo Jesus nosso único senhor e salvador: **não negar o nome de Jesus** e isso significará colocar a sua vida em risco de morte. Mas se você morrer porque confessou que Cristo Jesus é o seu Senhor, já está salvo e portanto, também irá ter um encontro glorioso com Jesus Cristo. (...)

O importante agora, é conseguir ficar vivo (ou morrer confessando o nome de Jesus) nesses 7 anos (...)

Os governantes e donos de mídias (jornais, revistas, rádios, redes de televisão, internet), tentarão dizer que houve um rapto de pessoas do mundo inteiro por discos voadores. Mas você que guardou esse texto ou que conhece à Bíblia, sabe que essa é mais uma profecia bíblica que se cumpriu e está escrita na bíblia desde o Velho Testamento: O Arrebatamento da Igreja (salvos) por Jesus Cristo.

Então, siga os próximos passos.

Esse texto que você está lendo, foi escrito antes do Arrebatamento, para que você possa se orientar e ver como a Palavra de Deus é infalível.(...)

Os que ficaram, logo após o estabelecimento de um governo único mundial, serão marcados com um sinal (chip eletrônico sob a pele, menor que um grão de arroz), conhecido bíblicamente como "sinal ou o nome da besta ou o número do seu nome". Esse sinal (chip), hoje sabemos, pode conter todas às informações da pessoa, tipo CPF, número da carteira de identidade, tipo sanguíneo, endereço, bens móveis e imóveis, saldo bancário e localização por satélite de

onde se encontra a pessoa. Isso não é uma previsão para o futuro. Esses chip's já existem hoje, e são largamente usados por pessoas que temem ser seqüestradas ou portam alguma doença. O chip (sinal), dá a localização exata de onde se encontra à pessoa. Logo que haja o estabelecimento do governo do anti-cristo, que consiga por ordem no mundo, todos serão chipados (marca da besta), com o objetivo aparentemente bem justificado de manter à ordem mundial. Será uma boa desculpa, uma vez que o desaparecimento de milhões de pessoas, acarretará em uma desordem mundial..

Não aceite de maneira alguma colocar a 'marca da besta' (chip) na sua mão direita ou nas suas testas, pois se o fizer, perderá o direito a salvação e o gozo eterno com Jesus Cristo. (...)

Não colocando a 'marca da besta", você não poderá comprar (AP 13:17) "Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.", pois precisará se identificar no ato da compra, seja em armazéns, super-mercados, shoppings, bancos e ônibus. Quem vender sem essa identificação, será penalizado severamente. (...)Então, nesse tempo, você deverá procurar morar em algum lugar onde possa sobreviver com o 'comércio de trocas', provavelmente em comunidades onde só hajam pessoas que não foram arrebatadas e que se curvaram a Cristo, pediram perdão pelos seus pecados e estão vivendo em **Comunidades Cristãs**. Inicialmente, isso será possível, não sei por quanto tempo. A perseguição será implacável. Esconda-se em cavernas, montanhas, em qualquer lugar que não chame a atenção. Guarde mantimentos, comida, água. Será o tempo de fortalecimento da Fé em Jesus Cristo, já que não foi aproveitado o "tempo da Graça". (...) logo, logo, você não poderá aproximar-se de equipamentos eletrônicos sem ser identificado. Não use telefone celular, pois você será imediatamente localizado.”

A “tecnofobia” desta teologia que culmina com a sugestão de criação das comunidades cristãs, como solução para os problemas políticos e econômicos da tribulação é interessante. Talvez Provetá, com seus desviados que não subirão no primeiro arrebatamento, seja um possível reduto de adoradores de Cristo.

Magnum: O Anticristo é um ser que vai aparecer na Terra, que vai comandar tudo; todas as nações e vai trazer paz pras nações. Paz mesmo. Vai trazer paz. Vai ser um...

Teleco: Nego vai falar que ele é o príncipe da paz.

Magnum: É. Mas na realidade ele vai vir como um príncipe mesmo, tá ligado? Vai trazer paz pra todas as nações: Brasil... todas, todas que existem na Terra...

Magnum: ...e vai rodar só um... tá ligado, sinal da besta? 666?

Teleco: ...uma única moeda.

Magnum: Uma única moeda. Ele vai ser gravado ou aqui [mostra o pulso] ou aqui [aponta para o meio da própria testa]. Só vai poder comprar ou vender quem tiver...

Teleco: Vai ser como um código de barras, pô.

Magnum: ...quem tiver essa parada.

Teleco: Você não vai usar dinheiro. Você vai lá comprar uma compra...

Natânia: Mas isso é uma coisa do Diabo?

Magnum: Totalmente!

Natânia: Mas as pessoas vão ter na pele uma coisa?

Magnum: Não é na pele, vai correr no seu sangue, no seu DNA. Não vai ter como mais você tirar nem arrancar que nem tatuagem. Não vai ser uma tatuagem. Vai ser um chip que eles vão botar e você não vai tirar nunca mais. Você não consegue tirar. Vai correr no seu sangue... onde você estiver ele... tipo um radar. Onde você estiver ele vai saber, pá.

Natânia: Caralho!

Magnum: Se liga nessa parada só. Ih! Sai no jornal. Sai várias paradas tipo essa assim, ó.

Natânia: No jornal o que?

Magnum: No jornal Nacional já saiu. Já tem lugar que já tem essa parada aí.

Teleco: Já saiu, pô... lá fora já tem, já. Já tão implantando num lugar já, lá na Europa...

Magnum: Lá fora. Lá já tem um lugar que já tem essa parada; esse chip. Já tá rodando.

Natânia: Então o Diabo tá por aí, né? Quase vindo, né?

Magnum: Quase vindo... o Diabo tá aí já na Terra, velho. Esse ser já tá na Terra.

Natânia: Então já tá acontecendo essa parada?

Magnum: Já tá acontecendo. Passou um bebezinho, mané. Caralho, com uma paradinha assim...

Natânia: Mentira! Passou no jornal isso? O quê na pele? Você tá inventando...

Magnum: Um chipzinho assim na pele. Uma parada assim; tipo um código de barra assim... escrito 666 do lado, sabe qual é?

Natânia: Passou na televisão essa parada, Magnum? 666? Você viu isso?

Magnum: Não, cara. Passou o chip...

Teleco: Essa parada pode acontecer daqui há... o Anticristo pode ficar aí na Terra mais de cinquenta anos aí, dez anos, quarenta anos... tá ligado?

Magnum: É. Porque tem muitos povos, muita gente que não ouviu falar de Deus ainda, muitos povos... muita gente... tá ligado? Quando essas pessoas ouvirem, quando todo mundo da Terra ouvir falar de Deus, que existe um Deus na Terra que desceu, que morreu por nós e tal... que deu o Seu sangue por nós, aí ele vai vir. Quando todo mundo ficar sabendo disso.

Natânia: Pô... tem muita gente que não ouviu.

Teleco: Tem muita gente aí que não ouviu, tá ligado? Pra quando você chegar lá no céu não falar “nunca ouvi falar de Deus”; pra não ter essa desculpa.

Magnum: É.

Teleco: É foda, mané.

Natânia: Pô... eu acho que vai demorar muito pra todo mundo ouvir falar de Deus, não vai não? Todo mundo que tá na Terra...

Magnum: Tá na hora de me consertar, de ir pra Igreja... ou de morrer por Deus, só isso.

Teleco: Então. É por isso que o Evangelho tá se expandindo na face da Terra cada dia mais, amigo.

Magnum (concordando com Teleco): Tá ligado?

Teleco: Não viu no jornal, não? A revolução que tá fazendo aí, não, o Evangelho?

Natânia: Não. Que revolução? Eu não vejo jornal, cara.

Teleco: Tá crescendo muito, cara, tá crescendo muito.

Magnum: Tá sim, cara. Na moral mesmo.

Teleco: Tá crescendo muito, cara. Tá crescendo muito.

Magnum: Quando todo mundo ouvir falar de Deus aí Deus vai vir, vai tirar os fiéis da Terra aí o Anticristo vai dominar geral, sabe qual é? Aí que vai vir a paz.

Teleco: Ninguém vai ver a parada. Não vai ser...

Natânia: Aí vai vir a paz?... Vai ser muito louco!

Teleco: A parada não vai ser... não vai ter tipo uma cerimônia, pã, pã, pã, pã... não.

Magnum: Não, já vai tá, já. Quando a galera abrir o olho, assim... quando abrir o olho já vai tá a parada.

Natânia: A gente não vai perceber que...

Teleco: Ninguém vai perceber, não, rapá.

Magnum: Ninguém vai perceber. Vai ser assim, ó; um povo vai sumir assim, ó.

Teleco: Piscou o olho é: bum!

Magnum: Piscou o olho...

Teleco: Vai ser num piscar de olhos.

Natânia: E depois que eles sumirem a gente vai perceber?

Magnum: Vai!

Teleco: Vai porque nego vai falar, cara.

Magnum: Claro: "Pô... minha mãe sumiu, que porra é essa, mané? Pô, meu pai tava ali agora". Já era, maluco.

Teleco: Nego vai perceber. Vai ser uma revolução no mundo inteiro.

Magnum: Os que sabem... os que sabem que Jesus vai voltar...

Teleco: Todo mundo vai falar... vai ter nego que vai falar no jornal que foi disco voador que abduziu o povo... Vai... ih! Vai ter nego no jornal, várias paradas...

Magnum: Vai ter plantão assim... plantão da Globo. Tá ligado aquele... que fica rodando assim?...

Ah! O avião que tava passando em cima de São Paulo caiu sem o piloto. Quem que era? Era crente. Aí, pô... tá ligado? Ah! Era cristão, servia a Deus, era um servo de Deus.

Natânia: E quando isso acontecer é porque...

Teleco: É porque já começou o...

Natânia: ...foi o primeiro arrebatamento, é isso?

Magnum: Primeiro arrebatamento.

Teleco: Primeiro arrebatamento.

Natânia: Que vão só os crentes?

Magnum: Não, não é só os crentes não, cara.

Teleco: É só quem crê em Deus, cara.

Magnum: É só quem crê em Deus, cara.

Teleco: Quem crê em Deus e é fiel a ele.

Magnum: E é fiel a ele. Quem... pô, para louca! Louca! Eu já acordei várias vezes pensando que Jesus tinha voltado no sonho.

Teleco: Pode ser um católico, pode um... o que for... mas que crê em Deus e é fiel a Ele...

Magnum: Parada louca, maluco; eu via geral correndo, eu falei: “caraca, mané eu fiquei, tô fudido!”

Impossível não observar que a imagem tecnológica que identifica o Diabo possui uma semântica avessa à que nos remete o cenário provetaense, “muito local”, como se costuma dizer, o que conduz outra vez à questão da geografia simbólica de Provetá. A unificação da moeda é coisa do Diabo porque ela desrespeita os “localismos”, o chip obriga os homens a uma homogeneidade, a uma transparência, a uma vigilância por parte de Satanás.

A descrição da grande tribulação com tamanha riqueza de detalhes e envolvimento afetivo indica que se trata de uma imagem muito viva no imaginário dos rapazes desviados. E ainda que se tenha uma oportunidade outra de salvação, a perspectiva de viver a perseguição do Diabo, a morte de seus familiares, a tortura é angustiante, o que, mesmo assim não impedira um deles de brincar o carnaval, em vez de freqüentar a concorrente festa dos Gideões. O outro preferira, no último dia de festas, o culto aos bares, e terminou por se reintegrar à igreja. Este caso aconteceu como Birman previu: o retorno à igreja depois do desvio e mesmo a duração deste período liminar depende da rede de relações familiares do desviado, que tornará sua vida na igreja mais ou menos imperiosa.

Quando eu retornar a Provetá, no entanto, pode ser que todo este quadro se tenha invertido, como vi acontecer várias vezes ao longo de meu trabalho de campo, os desviados vivem um movimento pendular em relação à igreja. Poderíamos dizer que os jovens de Provetá vivem uma “sazonalidade religiosa”, alternando períodos de freqüência mais acídula à igreja e períodos de afastamento. “Todos nós passamos épocas em que nós estamos mais próximos ou mais afastados de Deus. No caso dos que “desviados” este movimento pendular é apenas mais acentuado e o afastamento da igreja é radicalizado, assumido como status.

VII

Conclusão

O carnaval, percebido como uma festa pagã que invade todos os anos a vila de Provetá, acelerando o ritmo da vida local pela chegada de um grande contingente de pessoas de fora, institui a inversão e o risco, sendo a festa mais esperada pelos desviados. Assim sendo, esta nova temporalidade que se instaura, exacerba a tensão entre o tempo cósmico (apocalipse) e o que compreende a trajetória individual no desvio.

O carnaval representa uma liminaridade no tempo quando se aumenta o contraste entre Deus e o Diabo, entre o pecado e a salvação. Numa comunidade marcada pela presença do Espírito Santo, o carnaval trás o vinho da contenda e os demônios que o cercam. As seduções do Diabo tornam-se mais intensas no carnaval, o que não significa que ele consiga arrebatar mais pessoas, que quando a agência do Diabo é mais marcada, a Deus também se aprofunda.

Além de uma liminaridade no tempo, o carnaval também traz uma liminaridade no espaço. No espaço da vila se delineia uma guerra, cujas trincheiras estão estabelecidas em lugares sugestivos e estratégicos: o bem está no centro, na praça onde aconteciam os shows gospel, na igreja onde eram celebrados os cultos. O mal rondava ao redor, nos limites do território; na praia, com seus bares e festas noturnas; nas pedras do cais, pouco iluminadas; nas encostas dos morros.

Findo o carnaval e a festa dos Gideões, nestes quatro dias em que a teologia da batalha espiritual encarnara-se na comunidade, os crentes se gabavam do grande número de pessoas que “aceitaram Jesus” em sua festa, mais de cinquenta, a maioria “de fora”. Mas a vitória de Deus se torna consideravelmente mais tímida quando consideramos que se na Assembléia de Deus de Provetá, aceitar Jesus é um ato público de adesão à doutrina, nas demais Assembléias do Rio, aceitar Jesus não significa um comprometimento efetivo com a fé evangélica. A Assembléia da vila tem uma doutrina muito própria.

Durante o carnaval, tive contato com três jovens da Assembléia de Deus de Madureira, para quem o problema da vulgaridade do desvio da igreja em Provetá decorria da rigidez da doutrina, que não tolera muito que seus rapazes joguem bola, surfem ou pratiquem outros esportes, que proíbe o uso de bijuterias e maquiagens para as meninas, de

roupas de banho, o corte do cabelo, a pintura das unhas e o desenho das sobrancelhas. As rígidas regras sobre o comportamento e a aparência reforçam aquele rompimento com “o mundo”, bem próprio de Provetá e de seu evangelismo.

De todo o jeito, Deus vencera a batalha em Provetá, que “Provetá foi um lugar que Deus escolheu para Sua obra”, o que fica representado pela expulsão de um dos traficantes da vila, durante os dias de festa, por ordem de um dos Pastores. Concluo aqui com este episódio, que considero ilustrativo das encarnações que quis tematizar e dos contornos que a teologia da batalha espiritual encarnada assume em Provetá, uma comunidade de um povo eleito.

Uma das visitas de Marcela conversava com ela na cozinha de sua casa. Marcela ouvia tudo com ar de surpresa. Acabara de acordar porque estava cansada da noite anterior, em que ficara até tarde vendendo açaí numa barraca ao lado da padaria. A hóspede dizia que o rapaz do “movimento” que estava hospedado no andar de baixo tinha brigado com homens de outra facção e que chegou lá muito nervoso, gritando, machucado; com o rosto ralado, cobrando da namorada “a minha chave” —que ela teria escondido— para matar seu agressor. Como a namorada se negava a dar a arma, ele tentou agredir a moça. Era por volta de cinco da manhã quando aconteceu o “saragaço”²². Manuelzinho o expulsou da casa. O rapaz obedeceu e tratou-o ainda com algum respeito (por “senhor”) embora estivesse agressivo, repetindo irado: “porque eu mato mesmo! Já matei muita gente. Assim ó: pá, pá, pá, pá!!!” —e imitava segurar um fuzil apontado para o rosto de Manuelzinho. Repetia também se referindo ao grupo rival: “O senhor não vê que eles vão dominar isso aqui tudo? Já estão tomando conta de tudo! Ninguém vai fazer nada?!”

Manuela chamou a polícia pelo telefone e o rapaz foi preso, ficou mais de vinte e quatro horas na delegacia local esperando o primeiro barco para ser “deportado” para Angra. A orientação que Manuelzinho dera para o policial, segundo contou para dois Pastores amigos que foram a sua casa, à noite, foi para não bater no rapaz, não machucá-lo. Queria apenas que o deixasse preso na vila e o obrigasse a entrar no primeiro barco para Angra. Na versão de Manuela “o policial esculachou o bandido: você tá maluco, cara? Sabe com quem tu tá mexendo? Sabe quem é Seu Manuelzinho? É um homem muito importante aqui na Ilha; um homem sério; um homem de bem. A família dele é gente de bem! Como é que você vem criar caso aqui? Tu não sabe o que tu tá arrumando!”

O grupo com quem o rapaz estava foi convidado a se retirar também. Dna Magna comentava o quanto o Pastor, sogro do traficante, ia ficar envergonhado quando soubesse do acontecimento. Ela disse que era assim mesmo: que as festas dos Gideões sempre eram acompanhadas de muita confusão; que era o Diabo atentando, mas que não adiantava porque Deus sempre vencia e na festa

²² “Saragaço” é uma gíria local. Significa “confusão”.

daquele ano, como nos outros, foram mais de cinquenta almas convertidas; mais de cinquenta pessoas aceitaram Jesus nos três dias de culto do conjunto dos Gideões. Que “Deus sempre derramava seu fogo sobre a Igreja”.

(...)E pensando assim os personagens sociais como agentes do bem ou do mal, a vitória de Manuelzinho na contenda em sua casa bem poderia ser comparada a um exorcismo —neste caso o Demônio não fora expulso de um corpo humano, mas de um corpo territorial. E isso faz ainda mais sentido num território em que o poder político coincide com o poder religioso. Os apóstolos, com sua autoridade conferida por Deus expulsam o Demônio²³, que obedece com *agressividade e respeito*. São estas as duas características imediatas da reação do Diabo quando os filhos diletos de Deus operam os exorcismos; ele, cumprindo seu papel de Demônio, demonstra seu ódio contra o enfermo que possui ou o homem santo que o expulsa, mas obedece, vencido. Foi exatamente assim que reagira o traficante empunhando a arma imaginária que disparara no rosto de Manuelzinho, mas tratando-o por “senhor”, reconhecendo sua inevitável autoridade e deixando primeiro a casa e depois a Ilha.

²³ “E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar, E para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios.” (Marcos 3: 14 e 15)

Bibliografia

- ALMEIDA, João Ferreira de (2006) *Bíblia de Estudos Pentecostal. Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Cpad.
- ALMEIDA, Ronaldo de (2003) “A Guerra das Possessões.” In: *Igreja Universal do Reino de Deus. Os Novos Conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas.
- BAUMAN, Zygmunt (2003) *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BAKKER, André (2006) *Entre Telas e Orações: Religião e Mídia em uma Comunidade Evangélica da Ilha Grande*. Rio de Janeiro: Monografia de final de curso, UERJ.
- _____ (2008) *Deus, o Diabo e a Televisão: Mídia Moderna de Massa e Pentecostalismo em uma Comunidade Evangélica da Ilha Grande*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UERJ
- BIRMAN, Patrícia (2008) *Feitiçaria, Territórios e Resistências Marginais*.
- _____ (2003) “Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens.” In: *Religião e Sociedade*, nº 17
- _____
- CRETTON, Vicente (2007) *Território Sagrado: A Geografia das Relações Sociais em uma Comunidade Evangélica de Ilha Grande*. Rio de Janeiro: Monografia de final de curso, UERJ.
- CSORDAS, Thomas (1994) *Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and Self*. Rio Grande do Sul: UFRGS.
- DAMATTA, Roberto (1988) “O Ofício do Etnólogo ou como ter *Antropological Blues*”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

D'EPINAY, Christian Lalive (1970) O Refúgio das Massas. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DURKHEIM, Émile (1996) As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Martins Fontes.

LOPES, Natânia (2008) Relatório de campo.

MAFRA, Clara. (1999), Na posse da palavra. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/ UFRJ.

MARIZ, Cecília. (1999) A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. *Revista brasileira de Informação bibliográfica em Ciências Sociais (BIB)*, Rio de Janeiro, n. 47.

MENDONÇA, Mariana (2007) Relatório de Campo.

REBELO, MOTA e NUNES (2002) “Comparando Experiências de Aflição e Tratamento no Candomblé, Pentecostalismo e Espiritismo”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 1.

REESINK, Mísia Lins (2005) “A Antropologia, os Católicos e a noção de Deus”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 1.

TAYLOR, Charles (1997) As Fontes do *Self*: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola.

TURNER, Victor (1974) O Processo Ritual. São Paulo.

Sites Consultados

www.biblionline.com.br

www.arrebatamento.com

